



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Maria Priscilla Rodrigues de Brito

**POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: ANÁLISE DO SISTEMA DE COTAS DA
UERJ ATRAVÉS DOS GRUPOS FOCALIS**

São Gonçalo
2011

Maria Priscilla Rodrigues de Brito

**Políticas de Ações Afirmativas: Análise do sistema de cotas da
UERJ através dos Grupos focais**

Monografia apresentada, como exigência do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Monique Mendes Franco

São Gonçalo
2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

B389 Brito, Maria Priscilla Rodrigues de.
Políticas de Ações Afirmativas: Análise do Sistema de Cotas da
UERJ através dos Grupos Focais / Maria Priscilla Rodrigues de Brito –
2011.
73f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Monique Mendes Franco.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Relações raciais. 2. Política educacional – Brasil. 2. Cotas –
Brasil. I. Franco, Monique Mendes. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 323.12

Maria Priscilla Rodrigues de Brito

**Políticas de Ações Afirmativas: Análise do sistema de cotas da
UERJ através dos Grupos focais**

Prof^a Dr^a Monique Mendes Franco (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^a Dr^a Rita Leal (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo
2011

Aos meus pais, que se dedicaram à educação de seus filhos e que,
esforçaram-se para nos propiciar uma formação de qualidade,
pautada no amor e no respeito.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Francisco, funcionário público que me ensinou o prazer de ler, de aprender e o valor da honestidade.

A minha mãe Severina (*in memorian*), presente em nossos corações, pelo amor incondicional.

A minha irmã Silvinha, por entender, apoiar e investir em minhas opções acadêmicas.

A Junior, verdadeiro irmão, que me mostrou o exemplo de esperança e vitória com sua vida e suas palavras, mas que confiou em mim. Aos queridos sobrinhos Raquel e Lucas, vocês me mostram a cada dia o valor da vida com seus sorrisos.

À Prof^a. Dr^a. Monique Mendes Franco, cujas contribuições para este trabalho tiveram o peso de uma verdadeira orientação. Companheira e amiga, sempre disposta a ler meus textos, fazer sugestões e mostrar o verdadeiro significado de ser um educador. Muito obrigada por ter abraçado esse projeto de maneira tão completa e por me ensinar todos estes anos a diferença entre um trabalho apaixonado de um trabalho acadêmico.

À querida amiga Prof^a. Helen Ferreira pelo exemplo de persistência, determinação, coragem e competência.

À querida Prof^a Rita Leal, pela generosidade, sua colaboração com os Grupos Focais e pelos valiosos conselhos durante todo o processo.

Ao meu querido namorado, Cadu, pela paciência e estímulo. Nos dias de riso e de choro, sua presença foi meu céu e meu chão, a quem tanto devo que aqui não caberia.

Aos colegas de Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso pelos momentos de intenso aprendizado e amadurecimento.

Aos professores do DEDU, por tudo ensinado. Em especial aos professores Domingos Nobre, Eveline Algebaile e Anelice Ribetto. Tenho-lhes profunda admiração.

Aos amigos de Centro Acadêmico, do curso e da vida. Silvia, Beatriz, Larissa, Haliny, Edilane, Laísa, Juliana, Nathália Schumacker, Camila Mira, Naila, Danielle Santos, Ana Paula, Raoni, Oscar, Marlon e Luan Sávio. Sem vocês esta jornada teria sido muito monótona.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Obrigada por vocês existirem.

Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem,
temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize.
Boaventura Sousa Santos

BRITO, Maria Priscilla Rodrigues de. **Políticas de Ações Afirmativas: Análise do sistema de cotas da UERJ através dos Grupos focais**. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

RESUMO

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi uma das primeiras universidades no Brasil a colocar em pauta a implantação da reserva de vagas para negros no Brasil. A chamada política de cotas faz parte de um cenário reivindicatório que tem se adensado no curso dos movimentos sociais organizados, principalmente a partir da década de sessenta do século XX, a fim de promover a igualdade e a justiça social às minorias e diferentes grupos sociais, que passaram por processos de exclusão ao longo de suas vidas. É neste cenário que surge este trabalho monográfico, fruto do diálogo da minha experiência como estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ), militante estudantil e integrante da pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Monique Franco – *Políticas de Ação Afirmativa: reconhecimento e visibilidade na contemporaneidade*. No bojo das múltiplas facetas que compõem a política, o objeto geral deste estudo é acompanhar e relatar a opinião de estudantes, professores e funcionários da FFP sobre as cotas, por meio da realização de Grupos Focais. Vale observar que a utilização de grupos focais é entendida como uma estratégia metodológica que emprega uma práxis analítica que conjuga compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. Desta forma, não poderíamos desobrigar-nos, ainda que de forma sintética, apresentar o campo de estudo da pesquisa a partir de Castel (2008), Bhabha (2008), Franco (2006), Maggie e Fry (2002), entre outros.

Palavras-chave: Políticas de ação afirmativa, Relações raciais na educação, Cotas na UERJ.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Propaganda da UNESCO.....	23
Figura 2: Maicon vende drogas dentro da Universidade.....	24
Figura 3: Formatura de Maicon.....	24
Figura 4: Maicon conta a família que é aprovado no vestibular.....	25
Figura 5: A professora Erin em suas aulas “diferenciadas”.....	25
Figura 6: A professora enfrenta a Gestão da Escola em defesa de seus métodos.....	26
Figura 7: Professora aconselha estudante.....	26
Quadro 1: Respostas dos participantes sobre a imagem da mão do negro doutor.....	27
Quadro 2: Respostas dos participantes sobre o filme <i>5x Favela</i>	32
Quadro 3: Respostas dos participantes sobre o filme <i>Escritores da Liberdade</i>	32
Figura 8: Propaganda do cachorro vira-lata.	38
Figura 9: Cida joga xadrez com sua patroa Maria.....	39
Figura 10: Cida ensina xadrez aos seus vizinhos jovens.	39
Figura 11: Billy Elliot com trajes de boxeador se inscreve nas aulas de <i>ballet</i>	40
Figura 12: Billy Elliot ganha apoio da professora.....	40
Figura 13: Billy entre as bailarinas.....	41
Quadro 4: Respostas dos participantes sobre a Imagem do Cachorro vira-lata.....	42
Quadro 5: Respostas dos participantes sobre o filme <i>Xadrez das Cores</i>	43
Quadro 6: Respostas dos participantes sobre o filme <i>Billy Elliot</i>	43
Figura 14: Educação pública X Educação particular.....	51
Figura 15: Jane Elliot explica como funciona o Workshop.....	53
Figura 16: A escolha dos olhos como fator de discriminação.....	53
Figura 17: Jane explica como vão se sentir os participantes.....	53
Figura 18: Thomas e seu parceiro Dr. Alfred.....	54
Figura 19: Thomas é obrigado a entrar pela porta de trás da Instituição.....	54
Quadro 7: Respostas dos participantes sobre a imagem Educação pública x particular.....	55
Quadro 8: Respostas dos participantes sobre o filme <i>Olhos Azuis</i>	55
Quadro 9: Respostas dos participantes sobre o filme <i>Quase Deuses</i>	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 - UMA NOVA METODOLOGIA: O GRUPO FOCAL.....	14
1.1 - Conceito de Grupo Focal.....	14
2 - GRUPOS FOCAIS: ouvindo e percebendo.....	19
2.1 - Acesso ao Ensino Superior e a escolha da profissão	19
2.1.1 - Vergonha, Revolta, Angústia: Olhares Iniciais.....	23
2.2 – Racismo e discriminação negativa.....	33
2.2.1 - Preconceito e discriminação.....	36
2.2.2 - “– Não vai mudar.” “– Não, pode mudar sim.”.....	39
2.3 - Cota racial e cota social	45
2.3.1 - Encontro com Estudantes.....	47
2.3.2 - Olhares ampliados.....	50
2.3.3 - Cota Racial e Cota Social.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
APÊNDICE.....	73

INTRODUÇÃO

As estruturas raciais da sociedade brasileira só poderão ser ameaçadas e destruídas, quando ‘a massa de homens de cor’, ou seja, todo elemento negro, puder usar o conflito institucionalmente em condições de igualdade com o branco e sem nenhuma discriminação de qualquer espécie, o que implicaria em participação racial igualitária nas estruturas de poder da comunidade política nacional.
Florestan Fernandes¹

Desde 2007, ano que ingressei na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), atuando como bolsista no grupo de pesquisa *Políticas de Ação Afirmativa: reconhecimento e visibilidade na contemporaneidade*, como bolsista de Estágio Interno Complementar, bolsa financiada pela UERJ, a questão das cotas² na UERJ me chamou atenção; interesse este que permeava e ultrapassava da sala de aula. Para aprofundar e adensar a referida política, objetivada em pesquisa, dispus-me a realizar este trabalho monográfico.

O grupo de pesquisa se estrutura, posto que está em atividade até o momento, em reuniões semanais em que são realizados grupos de estudos, sobre livros, teses, dissertações, artigos e outros conteúdos sobre o tema do acesso ao ensino superior por meio das cotas e conta com um banco de dados sobre os estudantes ingressos por meio das cotas da UERJ, alimentando um banco de dados, pesquisados pelos bolsistas estagiários e pela orientadora.

Além disso, a pesquisa, que conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio de concessão de fomento de diversos editais e com a bolsa denominada Prociência, obtida pela orientadora em 2009, vem participando de diversos seminários, *fóruns* e simpósios, com apresentação de trabalhos a partir dos estudos e linhas de pesquisa escolhidas pelos bolsistas a partir da temática principal.

É nesse sentido que busco relacionar este estudo com a produção científica que venho exercendo desde o início das minhas atividades acadêmicas, associada a um tema de grande interesse em minha graduação.

A vida estudantil e a minha participação no Centro Acadêmico de Pedagogia Paulo Freire, durante dois anos, contribuíram a construir este objeto. Os “corredores”³ da FFP parecem estar fora, quase como se ‘isentos’ de um debate institucional sobre as políticas de

¹ FERNANDES, Florestan. Circuito fechado: quatro ensaios sobre o ‘poder institucional’. São Paulo, HUCITEC, 1979. 2.ed. p.72.

² Este estudo optou por designar ‘cotas’ o sistema de ingresso ao ensino superior por meio da reserva de vagas.

³ Enuncio “corredores” em alusão ao que chamamos de arredores, os ambientes acadêmicos e a vida cotidiana da FFP, que inclui aulas, salas de aula, biblioteca, Centros Acadêmicos, os espaços de convivência, entre outros que só um universitário da FFP poderia descrever.

ações afirmativas da UERJ e seus atravessamentos. A partir das perspectivas dos estudantes cotistas e não-cotistas, por conta das condições da vida estudantil e a vida social, digo além muros da universidade, aponto a importância da existência de análises dessa natureza, seja por conta da lacuna que o tema ainda expressa, seja pela necessidade de que sejam construídas, coletivamente, políticas universitárias em relação à assistência estudantil.

A partir destas experiências, entre todos aqueles que frequentam o “chão da universidade”, estudantes, técnicos, docentes e dirigentes, suspeito da potência que exercem esses diálogos e que não são aproveitados ou são silenciados. Existe o espaço e os sujeitos protagonistas desse debate, necessário e público, mas não as vozes. Essas potencialidades, opiniões, seja como forem chamadas, estão presentes nos corredores da Universidade, porém não pregam seus julgamentos e suas abordagens.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) a política de cotas foi implantada a partir do vestibular 2002 e é considerada, por muitos, um tabu. Esse debate com frequência se baseia em representações, ao formularem sua crítica na defesa ou negação sobre a existência e funcionalidade das políticas de ação afirmativa. Como resultado, boa parte do debate em torno dessas medidas no Brasil se trava, hoje, em torno de problemas equívocos ou mesmo falsos.

Porém, as cotas apontam direções distintas. Conforme esses apontamentos nasce a idéia de organizar e fomentar Grupos Focais, visando descobrir e desvendar estas diversas dimensões que as ações afirmativas causaram e causam na sociedade como um todo, em especial, a comunidade acadêmica⁴ da FFP, estudantes, professores e funcionários.

A análise dessas políticas tem por objetivo compreender os diferentes diagnósticos acerca das desigualdades educacionais no Brasil em que as universidades se baseiam para elaborar suas políticas e observar como tranqüilizam iniquidades no ingresso aos seus cursos, lidando com o desafio de transformar categorias sociológicas como classe, raça e etnia, bem como demandas governamentais e dos movimentos sociais, em critérios norteadores de políticas públicas. Este trabalho objetivou examinar potenciais vantagens e problemas das diferentes finalidades da ação afirmativa à luz dos dados que serão fornecidos durante a pesquisa nos Grupos Focais.

Hoje as universidades públicas brasileiras assumiram determinado protagonismo na implantação das ações afirmativas nos processos de ingresso, ainda que possamos destacar um importante investimento do Governo Federal. Neste sentido, destaco os programas Prouni⁵,

⁴ Enuncio comunidade acadêmica por todos os sujeitos que ocupam a Faculdade de Formação de Professores, sejam eles, alunos, professores, técnico-administrativos, pessoal terceirizado e funcionários num geral.

⁵ Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação

que oferece bolsas em universidades privadas à candidatos ao vestibular, e Reuni, um plano de reestruturação das universidades federais que tem como uma das principais diretrizes que as universidades contempladas pelo programa desenvolvam “mecanismos de inclusão social a fim de garantir igualdade de oportunidades de acesso e permanência na universidade pública a todos os cidadãos” (MEC, 2007).

Práticas inclusivas como estas e as cotas, sobretudo as cotas raciais, são justificadas pela escravidão negra (abolida legalmente por meio da Lei Áurea em 13 de maio de 1888) e pela exclusão social e econômica brasileira advinda deste período até os dias de hoje. Logo, muitos trabalhadores pertencentes às classes populares brasileiras ficavam à margem dos benefícios econômicos e sociais existentes na sociedade.

A partir desta perspectiva, a desigualdade sócio-econômica e cultural existente na sociedade brasileira, que afeta diretamente o sistema educacional, seria marcada pelas seqüelas em expressiva parcela da população brasileira em função da falta de oportunidades iguais de acesso aos bens culturais e educacionais. Tal contexto excluiu do processo de progressão social um grande número de jovens oriundos de camadas populares. As conseqüências deste processo podem ser identificadas nas desigualdades econômicas e educacionais que inserem o Brasil 8º lugar no *Ranking* Mundial dos dez países com maior desigualdade social de acordo com a ONU.⁶

Para Gouvêa (2009):

A política de cotas da UERJ, mesmo com suas freqüentes reformulações, parece se alinhar à análise americana de miscigenação, ao considerar a raça como fator preponderante e ao aplicar uma “justificativa reparadora” como finalidade da política. Ou seja, é dever do Estado prover com ações reparadoras ou compensatórias segmentos que foram excluídos historicamente da oferta educacional pública de qualidade. (p.13)

Analisar a viabilidade de uma política pública é tanto questão técnica, de natureza instrumental, como, também, uma questão moral. Em razão disso, é importante salientar que este trabalho monográfico é uma análise distinta do programa de ação afirmativa desenvolvido pela UERJ correlacionado às principais contribuições que os Grupos Focais ofereceram, tendo como eixo principal, a coerência entre diagnóstico, objetivos e procedimentos das próprias políticas, procurando, assim, aperfeiçoar e contribuir com a pesquisa mais ampla.

superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº. 11.096, em 13 de janeiro de 2005, ele oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. De acordo com: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em 04/02/2010.

⁶ Dados referentes ao ano de 2006. Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/onu-brasil-tem-a-8%C2%AA-maior-desigualdade-social-do-mundo/100757/>. Acesso em 28 de outubro de 2011.

A partir dos discursos expressos nos Grupos Focais, em consonância com a análise quantitativa e qualitativa dos alunos e alunas que ingressaram na FFP, por meio das cotas, entre os anos de 2003 e 2010, perceber como as cotas são cotidianamente vistas como parte importante da luta pelo direito à educação no Brasil, é de mera importância a este estudo.

Com isso afirmamos que a possibilidade de conhecer opiniões, histórias de vida e questionamentos de estudantes cotistas, não-cotistas, funcionários e professores da Universidade acerca do sistema de cotas da UERJ pode contribuir para o estudo e análise da implementação das cotas no Brasil.

Viso inferir se o resultado real do sistema de cotas tem funcionado como uma política de assistência estudantil eficaz ou como apenas um benefício na tentativa de calar a desigualdade social, gerada desde a colonização brasileira, entre negros e brancos. Ou seja, questiono se a expansão do ensino não reduz a desigualdade e até mesmo sobre a cor do curso de graduação, a cor do *campus*, a cor da FFP.

A divulgação dos resultados obtidos nesta etapa da pesquisa pretende fomentar a discussão e ampliar o leque conceitual de entendimento acerca do tema e, a partir das opiniões obtidas durante os debates e discussões dos Grupos Focais, contribuir no debate acerca da eficácia de políticas de assistência estudantil.

Essas questões e hipóteses, que aparecerão durante o desenvolvimento das reuniões dos Grupos Focais, serão de suma importância para reflexão e para a elaboração desta pesquisa.

1. UMA NOVA METODOLOGIA: GRUPO FOCAL

No Brasil as chamadas políticas de ação afirmativas convergem, desde metade do século XX, para a promoção da igualdade e da justiça social àqueles marcados pela exclusão e/ou discriminação. Esse assunto gerou e ainda gera muitas discussões acadêmicas e políticas de cunho afirmativo ou negativo, porém, engloba uma série de questões que precisam ser analisadas em paralelo.

Desta forma, eu e a bolsista Rita Andrade, sob orientação da Prof^a Dr^a Monique Mendes Franco, começamos a executar a metodologia do Grupo Focal, como campo de investigação, para investigar as diversas dimensões que circulam a questão do sistema de Cotas da FFP/ UERJ.

1.1 Conceito de Grupo Focal

Delimito como metodologia deste trabalho, o Grupo Focal, que por sua vez é uma técnica de diagnóstico rápida e de baixo custo, utilizada para completar informações, conhecer atitudes, opiniões, percepções e comportamentos relativos a um determinado assunto. A utilização desta metodologia tem se mostrado muito adequada para a fase de alguns estudos e pesquisas, conforme experiências relatadas que foram vivenciadas por professores e alguns autores.

Dias (2000) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.

Veiga e Gondim (2001) compreendem que esta técnica ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

O objetivo de adotarmos o Grupo Focal como método utilizado para coletar e analisar dados de estudo, é o desenvolvimento de conceitos que nos ajudem a compreender um fenômeno social num cenário natural em vez de experimental, dando ênfase adequada aos seus significados, experiências e olhar dos participantes.⁷

Segundo Roso (1997), o grupo focal surgiu na década de 50 quando Robert Merton foi convidado por Paul Lazarsfeld para ajudá-lo a avaliar respostas da audiência de um programa de rádio. Merton observou que era difícil para as pessoas expressarem sua opinião sobre

⁷ POPE, C; MAYS, N. Qualitative research: reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health services research. BMJ, 1995; p. 42- 45.

filmes e programas em entrevistas individuais. Logo, Merton utilizou as entrevistas grupais, que foi chamada de entrevista focalizada em grupo, no Exército, com o intuito de avaliar o treinamento e filmes morais.

Desde seu surgimento e expansão, os grupos focais vêm conquistando um lugar privilegiado nas mais diversas áreas de estudo, como nas ciências sociais, ciências médicas e no *marketing*. Tal crescimento foi em grande medida impulsionado pela pesquisa de mercado, que, resgatando procedimentos clássicos das ciências sociais, das áreas de serviço social e psicologia, paralelos às tecnologias e a modernidade, pensou com um novo objetivo: captar os anseios dos consumidores.⁸

Além disso, conforme destaca Westphal (1992) pesquisadores de diversas áreas adotam este método de formas diversificadas:

A função do grupo focal para os cientistas sociais e para os pesquisadores do mercado é diferente. Os primeiros pretendem observar o processo através do qual, participantes especialmente selecionados, respondem às questões da pesquisa para que, posteriormente, possam os dados serem teoricamente interpretados. A pesquisa de mercado busca propostas imediatas e custos reduzidos. Através do trabalho com grupo procura-se apreender a psicodinâmica das motivações, para imediata obtenção de lucro. (p.91)

Considerada, ainda, uma nova metodologia das pesquisas de campo, o grupo focal é fruto da necessidade da produção de novos saberes na escassez do tempo e de recursos. Esta gama de novas pesquisas dispõe de um reduzido leque de oportunidade para empreender uma análise crítica das metodologias de trabalhos mais conhecidas.⁹

Esta metodologia utiliza a interação grupal para produzir dados, que seriam dificilmente conseguidos individualmente. Os dados obtidos levam em conta o processo do grupo, tomados não como apenas uma junção das opiniões, sentimentos e pontos de vistas individuais no grupo.

Esta técnica encontra-se fundamentalmente na tradição do trabalho em grupos, na sociologia e na psicologia social crítica. Encontramos autores (CHIESA & CIAMPONE, 1999; PEREIRA, 1999) que sustentam o Grupo Focal como um grupo que se organiza em torno de uma tarefa específica: fornecer informações acerca de um tema anteriormente determinado. Os grupos focais, contudo, devem ser diretivos, cabendo ao mediador intervir sempre que o tema for extrapolado.

⁸ MOREIRA, Marcelo Rasga; NETO, Otavio Cruz; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Minas Gerais, 2002.

⁹ KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. Psicologia em revista, v.10, n.15, p.124-136, Belo Horizonte, 2004.

Outros autores (NERY, 1997; CANALES & PEINADO, 1995) adotam elementos teóricos das contribuições de BION (1975) para a construção e análise dos Grupos. Nesta perspectiva, considera-se o GF como grupo de trabalho, mantendo uma postura mais investigativa do que exatamente clínica. Segundo o autor, há também a inclusão da noção de suposições básicas (dependência, acasalamento, fuga-luta) na interpretação das discussões empreendidas pelo grupo.

A Sociologia e a Psicologia Social aparecem com suas contribuições sobre representações sociais, análise do discurso e produção de sentido, como referenciais que continuamente sustentam o trabalho com grupos focais (MINAYO, 1996; ALZAGA, 1998; OLIVEIRA; WERBA, 1996; CANALES & PEINADO, 1995). Esta análise psicossocial dá visibilidade aos referenciais teóricos específicos a estes campos (sociologia e psicologia social). Ao adotar a técnica dos grupos focais, é importante enfatizar que esse debate recebe destaque, nesse momento, por sua importância para o futuro da pesquisa social, que demanda cada vez mais uma postura crítica e dialética, visando à superação dos pontos contraditórios para que possam receber outras críticas.

Nesse momento devemos-nos ater às abordagens que envolvam relações de identidade, discurso e comunicação porque são importantes referenciais neste trabalho na análise das ações afirmativas. No geral, os teóricos e autores citados neste trabalho monográfico concordam numa questão: é necessário que os moderadores de grupos focais estejam atentos ao processo grupal.

De acordo com Canales e Peinado (1995), não se pode utilizar uma técnica qualquer que seja ela, sem considerar suas bases epistemológicas e metodológicas. O grupo focal, por sua fundamentação no discurso e interação, inscreve-se na tradição dialética, pressupondo a construção do conhecimento em espaços de intersubjetividade.¹⁰

A condução dos grupos focais vai contar com o mediador e o observador. O mediador tem um papel mais diretivo no grupo, pois sua relação é, a rigor, didática, ou seja, com cada membro. Este assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua enfoca os processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sem determinada discussão. Kind (2004) aponta que o observador vai analisar a rede de interações presentes durante o processo grupal. Cabe a ele, ter uma posição menos ativa, restringindo-se ao registro de comunicação não-verbal, linguagem, atitudes preocupações e ordem de respostas que seja considerada importante. (p.130)

¹⁰ KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. Psicologia em Revista, v.10, n.15. Belo Horizonte, 2004, p.129.

O mediador e observador de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas. Sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo. Não há interesse em nenhuma opinião em particular. A análise do grupo focal, portanto, é de todos os discursos de todo o grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo.

Inicialmente, desenhamos o cronograma dos Grupos Focais, convidando dois estudantes (01 cotista e 01 não-cotista), dois professores e dois funcionários da unidade para as devidas discussões. Não há consenso quanto ao número de participantes. Alguns autores dizem que, deve ser de 6 a 15 pessoas (CHIESA & CIAMPONE, 1999; PEREIRA *et al.*, 1999; SENA; DUARTE, 1999) e outros apontam de 5 a 7 participantes (DEBUS, 1988; ROSO, 1997).

Vale ressaltar aqui, que está previsto a gravação dos Grupos Focais em áudio-vídeo, afim facilitar no acesso às falas e discussões que ocorrerão, solicitando, claro, a permissão dos participantes.

Afirmamos mais uma vez que escolhemos os grupos focais para desenvolver esta análise, pois esta metodologia, através da interação grupal, nos oferece dados que seriam difíceis de serem alcançados em entrevistas individuais, de modo que os participantes interfiram e levantem questões sobre os pontos de vistas uns dos outros, oferecendo subsídios subjetivos, capazes de salientar as opiniões e sentimentos a cerca do tema escolhido. Jones (1995) afirma que tal método qualitativo começa ao aceitarmos que existem diferentes caminhos que nos dão senso do mundo e diz respeito à descoberta do significado dado por aqueles que estão sendo pesquisados, entendendo suas visões de mundo, em vez da visão dos pesquisadores.

Portanto as entrevistas com estudantes, docentes e funcionários são o ponto de partida para avaliar as dificuldades e as conseqüências que tal política de Estado apresenta à população brasileira, especialmente àqueles que de perto vivenciam esse embate, pois entendo que este seja um debate que não se restringe à negros, ativistas do movimento negro e aos governantes, e sim um debate público, que tem sido realizado por poucas pessoas e tem tido pouca densidade até o momento.

Para elucidar as discussões em vista, escolhemos trechos de filmes, imagens e textos que serão apresentados aos participantes para as abordagens dos respectivos temas das discussões. A opção por utilizar os filmes, não somente nacional, ocorreu devido ao fato de que atualmente não podemos negar o impacto da criação e da difusão do cinema, chegando a influenciar a maneira como as pessoas estruturam o mundo. O cinema, a imagem, o virtual

por meio da representação da realidade, consegue atingir mais facilmente o público no ponto em que queríamos conduzir a discussão.

Dessa forma, existe uma grande diversificação de filmes e imagens que estão repensando a educação, de forma direta ou indireta, as políticas de incentivo ao ensino e sua inserção social, tornando-se um excelente campo para se repensar a importância de medidas sócio-educativas capazes de melhorar o acesso a Universidade, como também, uma mudança de base capaz de inserir, os pleiteados pelas cotas, na sociedade, refletindo sobre as atitudes políticas no campo nacional para a educação.

Entrevista é trabalho, alerta Brandão (2000), e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisado aos seus objetivos, obrigando-o a se colocar intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre o conteúdo da fala do entrevistado” (p.8), além é claro dos tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham ou mesmo substituem esta fala e isto exige tempo e esforço.

Inicialmente, projetamos dois grupos focais, que por sua vez foram pensados para nos apresentar os primeiros caminhos desta análise. Delimitamos “Acesso ao ensino superior/escolha profissional” e “Racismo e Discriminação Negativa” como os temas destes dois grupos. A seleção e a escolha dos participantes foi feita de acordo com o nosso interesse pela opinião e a postura dos indivíduos dentro da FFP. Em suma, professores, alunos e funcionários, anteriormente convocados por meio de uma carta convite, parecem nos trazer elementos fundamentais e a garantia de uma discussão participativa sobre o sistema de cotas e seus atravessamentos na UERJ e na sociedade.

2 - GRUPOS FOCAIS: ouvindo e percebendo

2.1- Acesso ao Ensino Superior e a Escolha do Trabalho

Ao dar início aos preparativos do primeiro Grupo Focal, eu, a bolsista Rita Andrade e a orientadora Prof^a Monique Franco, delimitamos horário, tema, participantes. Em seguida, realizamos os convites (impressos e digitais, via e-mail) e discutimos a importância dos convites serem feitos em mãos, pois não conhecíamos alguns participantes. Além de nos apresentar, tínhamos que explicar o que entendíamos por Grupo focal e o objetivo desta pesquisa.

No início desse processo, na escolha dos participantes, os convites e as confirmações, foi de certa forma, um ponto negativo. As pessoas não compreendiam a idéia do Grupo Focal, tinham muitas dúvidas e questões, negavam ou nos garantiam responder o convite posteriormente, pois não poderiam se comprometer *a priori*. Ficamos reféns, diversas vezes, de não recebermos respostas aos e-mails. Delimitamos suplentes aos participantes e outras pessoas que supostamente poderiam ocupar as vagas. E, conforme o Grupo Focal ia se aproximando, a tentativa de que realmente o encontro acontecesse foi incansável.

Este quadro nos permitiu um novo olhar sobre os fenômenos sociais e os sujeitos que estão imbricados neles. A rejeição em participar de uma pesquisa empírico-analítica, ao negar se expor, negam a questionarem seus critérios de debate. A descoberta dos efeitos do silêncio destes sujeitos nos permitiu pensar que estes poderiam temer entrar num campo no qual, ao criticarem ou questionarem as medidas reparatórias, poderiam facilmente ser eles próprios acusados de racistas, ou "antinegros", como cita Fry e Maggie (2002). Fatores como a exposição de sua imagem e a exteriorização de sua opinião, parecem ter preocupado estes convidados no sentido que estas opiniões expressas poderiam ser publicizadas e marcar, de forma negativa, o ambiente de trabalho, como no caso dos funcionários.

Quando falamos numa pesquisa qualitativa, estamos nos referindo ao método utilizado para coletar e analisar dados de estudo. Acreditamos ser a dificuldade de confirmar os participantes um dado importante ao estudo. Essas desistências e sucessivas negações geraram atraso na realização do primeiro encontro, sem apurar a ausência de alguns participantes que se comprometeram e não compareceram.

Por sua vez, o Grupo Focal não é um texto com respostas certas ou erradas, espaço para preleções pedagógicas ou para persuasão. O exercício do não nos coloca à disposição uma análise dos vínculos dos sujeitos que convivem com a política de cotas e seus processos

dinâmicos na UERJ, e delimita a não necessidade da discussão deste tema por parte destes não participantes.

Entendo que a própria resistência ao debate sobre as relações raciais no Brasil e as formas em que essa resistência se dá tanto na opinião pública, na imprensa, como na Universidade, são em si evidências do racismo. A restrição ao reconhecimento do desequilíbrio nas relações raciais e mesmo a recusa ao debate livre sobre o tema não devem ser tomadas como um tabu social simplesmente e sim como a manifestação de controle ideológico da esfera pública.¹¹

À proporção que íamos pensando nos possíveis participantes, nos deparamos com a impossibilidade da presença dos mesmos. Trabalhamos então na idéia se os participantes convidados comparecessem, seria Grupo Focal e se eles faltassem, também seria Grupo Focal. Assim, pensamos em convidar um aluno cotista e um não-cotista, mas diante dos fatos e da dificuldade de construção deste grupo, nós assumimos que era necessário a participação de quem tinha possibilidade, de quem se dispunha a participar.

Inicialmente, pensamos que um mínimo de 4 participantes seria fundamental, pois menos que este número haveria uma redução na diversidade de idéias e concepções, pondo em risco o aprofundamento das questões e suas propostas. Por sua vez, um grupo muito grande poderia acarretar a fragmentação destas idéias, pondo em risco a exposição das idéias que gostaríamos de receber.

Devidamente convidados e esclarecidos sobre o tema abordado e os objetivos da pesquisa, tivemos a presença de dois funcionários (um homem e uma mulher), uma aluna e um professor. Apesar de todo esforço e o que aparentemente parecia fácil de conduzir, nos rendeu uma verdadeira armadilha, a princípio, a nossa tentativa de sistematização do grupo focal.

O primeiro encontro teve como tema *Acesso ao Ensino Superior/Escolha profissional*. Sistematizamos o grupo focal nas seguintes atividades: apresentação da pesquisa; apresentação dos participantes; exibição dos filmes e das imagens seguidos de preenchimento dos questionários; debate coletivo. Para Dauster (1999, p. 2), esse tipo de trabalho de campo tem como objetivo “compreender as redes de significado a partir do ponto de visto do ‘outro’, operando com a lógica e não apenas com as sistematização de suas categorias” e não deve ser interrompido enquanto essa lógica não puder ser, minimamente, compreendida.

¹¹ MARTINS, André Ricardo Nunes. Racismo e Imprensa: argumentação no discurso sobre as cotas para negros nas universidades: P.185. In: Ações Afirmativas e o combate ao racismo nas Américas, Col. Educação para todos. Edições MEC/Unesco, Brasília: 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=652&Itemid Acesso em 01 de novembro de 2011.

O questionário seguia com as seguintes perguntas: Nome; Idade; Etnia; Sexo; Escolaridade; Função; Observe a IMAGEM e responda: a) um sentimento b) uma palavra c) uma alternativa; Observe a PRIMEIRA CENA e responda: a) um sentimento b) uma palavra c) uma alternativa; Observe a SEGUNDA CENA e responda: a) um sentimento b) uma palavra c) uma alternativa. Os participantes responderiam o questionário após assistir cada imagem e cada cena, posteriormente iniciaria o debate.

Escolhemos uma imagem da propaganda da Unesco¹² sobre educação. Na imagem aparece uma mão de um homem branco algemada e um anel de doutor na mão do homem negro. Esta imagem nos faz refletir segundo Franco (2006, p. 170):

O sentimento de realizar atos considerados “bons” traz alívio e pode ajudar a compor um quadro em que cada um é responsável por si mesmo, por tudo e por todos. Diante de tantos erros históricos, de tanta desigualdade e de tanta destruição, conseqüências de ações equivocadas no passado, o que pode ser feito agora, e com urgência, está no domínio da compensação ou da reparação. Depende tanto de ações enérgicas por parte do Estado quanto de ações solidárias por parte dos indivíduos. A idéia é acabar ou reduzir diferentes tipos de sofrimentos causados, a princípio, pela desigualdade, desde a baixa auto-estima até os baixos salários. Parte desta “dívida” pode, no entanto, estar se transformando em ressentimento. A recente propaganda da Unesco, inicialmente, teria como finalidade apontar para a importância de oferecer uma educação de qualidade e “escrever uma história diferente”. Mas a propaganda é, no mínimo, ambígua. Apresenta uma mão negra com um anel de “doutor” e um braço branco “algemado”. Indica-se, assim, a “história diferente” que se almejar escrever? Que idéia se sustenta por meio dessa imagem invertida – oposta ao que se costuma representar (um braço negro preso e uma mão branca com anel de doutor)? A idéia da igualdade, ou da punição, do ressentimento? Será que a propaganda não indicaria que os “brancos” têm que sofrer como os negros sofreram no passado.

¹² Em matéria de informação, a UNESCO promove a livre circulação de idéias por meios audiovisuais, fomenta a liberdade de imprensa e a independência, o pluralismo e a diversidade dos meios de informação, através do Programa Internacional para a Promoção da Comunicação. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_a_Educa%C3%A7%C3%A3o,_a_Ci%C3%A2ncia_e_a_Cultura Acesso em 30 de novembro de 2011.

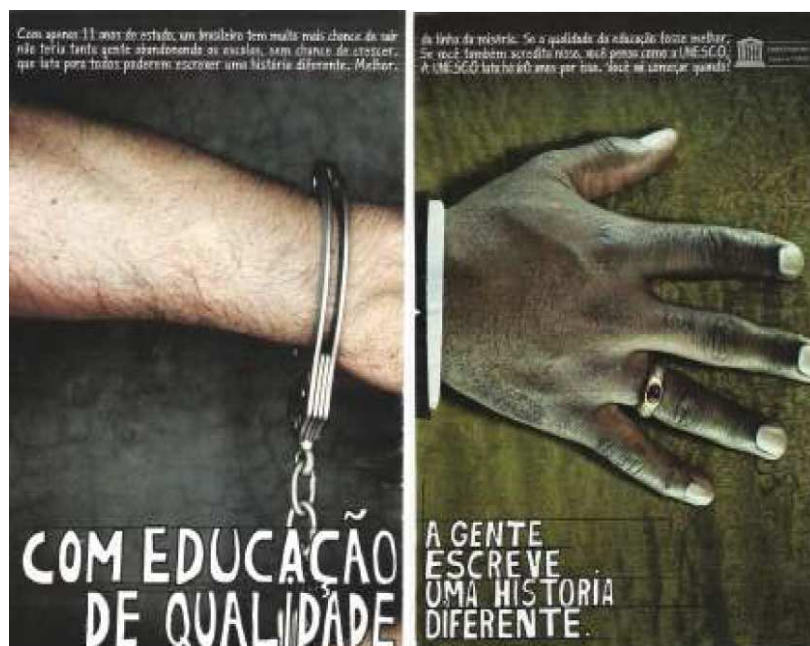


Figura 1: Propaganda da UNESCO.

Mesmo com as ações afirmativas no curso da história brasileira, o discurso contido na propaganda parece propor uma substituição - que os brancos se sintam no lugar que foi do negro, criminalizado, e vice-versa., o lugar do prestígio O que se torna na verdade “uma vingança sem perspectiva nenhuma, ou pior, com uma perspectiva de acirramento das tensões” (Franco, 2006, p.170).

Penso que esta propaganda na Revista Veja refere-se a pontos fundamentais na discussão da política de cotas, atribuídos ao acesso ao ensino superior. O negro que teve dificuldades de ingressar na universidade ao longo de muitos anos, hoje tem a opção de ingressar através do sistema de cotas.

Os filmes que selecionamos foram “5x Favela: Agora por nós mesmos”¹³ e “Escritores da Liberdade”¹⁴. O 5x Favela contém episódios que abordam temáticas que

¹³ 5 X Favela é um documentário formado por cinco histórias independentes entre si, cômicas e trágicas, que refletem as múltiplas faces do cotidiano dos moradores das favelas e fogem dos estereótipos violentos que costumam se perpetuar na representação da vida nas comunidades. É dividido em cinco episódios: 1- "Um favelado": Desempregado e sem dinheiro, arquiteta um plano para ganhar dinheiro; 2- "Zé da cachorra": Um latifundiário quer de volta suas terras, onde está instalada uma favela; 3- "Escola de Samba Alegria de Viver": Um Presidente divide-se entre lutar pela sua categoria ou aceitar as imposições comerciais do carnaval; 4- "Couro de gato": Moradores caçam gatos a fim de usar seu couro para fabricar tamborins; 5- "Pedreira de São Diogo": Sobre uma pedreira há uma favela. Ao perceberem o risco de desabamento dos barracos, os operários incitam os moradores a iniciar movimento de resistência para impedir um acidente fatal.

¹⁴ "Escritores da Liberdade" é um filme baseado numa história real, que trata de realizações face à adversidade. Em 1994, na sala 203 de uma escola em Long Beach, Califórnia, uma professora chamada Erin Gruwell, enfrentou sua primeira classe de alunos, rotulados pela administração do colégio como adolescentes "em risco" ou "problemáticos". A classe era uma mistura de Afro-americanos, de Latinos, de Cambojanos, de vietnamitas, entre outros, muitos dos quais cresceram em vizinhanças agressivas e participavam de gangues de rua em Long Beach. Promovendo uma filosofia educacional que avaliasse e promovesse a diversidade, transformou a vida dos seus alunos. Com o apoio constante de Erin, seus alunos quebraram estereótipos para transformarem-se em

envolvem a comunidade periférica do Rio de Janeiro, sendo selecionado o primeiro capítulo chamado *Fonte de Renda*. A história é sobre Maicon (Sílvio Guindane), um jovem negro, que consegue realizar o sonho de passar no vestibular, mas logo se encontra apreensivo devido à sua incapacidade de arcar seus gastos com livros, alimentação e transporte.

Ele fica, então, tentado a vender drogas para os colegas de faculdade, como forma de obter o sustento necessário para os estudos. Esse trecho foi selecionado, pois demonstra as dificuldades cotidianas de muitos estudantes frente suas dificuldades financeiras para manterem os estudos universitários, e ainda faz uma abordagem à vida de um estudante negro e de comunidade, que é um dos focos das políticas de ação afirmativa.



Figura 2: Maicon vende drogas dentro da Universidade.



Figura 3: Formatura de Maicon.

peças críticas, estudantes universitários de aspiração, e cidadãos para a mudança. Nomearam-se a si mesmos de "os escritores liberdade" – em homenagem aos ativistas dos direitos civis os "Cavaleiros da Liberdade" (Freedom Riders), jovens negros e brancos, intelectuais, artistas e religiosos, que partiam do norte dos Estados Unidos na década de 1960 em caravanas em direção ao Sul, para pressionar as autoridades locais a pôr fim na segregação.



Figura 4: Maicon conta a família que é aprovado no vestibular.

O segundo trecho utilizado foi retirado do filme *Escritores da Liberdade*, que envolve adolescentes nascidos no meio da marginalidade e agressividade, quando a professora lhes oferece o que eles mais precisam: uma voz própria. Quando vai parar numa escola corrompida pela violência e tensão racial, esta professora, Erin Gruwell, combate um sistema escolar deficiente, lutando para que a sala de aula faça a diferença na vida dos estudantes. A escolha deste filme se deu para mostrar as dificuldades que existem no cotidiano das salas de aula, onde professores precisam mostrar aos alunos a importância do estudo para uma modificação social, principalmente para aqueles envolvidos em discriminações e situações financeiras abaixo da renda mínima.



Figura 5: A professora Erin em suas aulas “diferenciadas”.



Figura 6: A professora enfrenta a Gestão da Escola em defesa de seus métodos.



Figura 7: Professora aconselha estudante.

2.2.1 Vergonha, revolta, angústia: Olhares iniciais

Analisando os resultados do primeiro grupo focal podemos perceber que a imagem provocou sentimentos, expressos nos questionários, de esperança (aparece duas vezes), alívio e indignação. A palavra que retratava aquela imagem foram as de oportunidade, conquista, esperança e revolta. A alternativa proposta era a de união, transformação de idéias, justiça, e educação. A seguir, montamos uma tabela com as respostas dos participantes sobre a Imagem da mão do negro doutor.

IMAGEM	Sentimento	Palavra	Alternativa
Professor	Esperança	Revolta	Educação
Funcionário	Indignação	Esperança	Justiça
Funcionária	Esperança	Oportunidade	União
Estudante	Alívio	Conquista	Transformação de idéias.

Quadro 1: Respostas dos participantes sobre a imagem da mão do negro doutor.

Podemos perceber que para o professor, que se declarou negro, a imagem gerou um sentimento de ESPERANÇA, a palavra REVOLTA e a alternativa EDUCAÇÃO. Em sua apresentação argumentou a falta do ensino de história da cultura africana:

Trabalho há 15 anos (como professor), não sei se eu sou militante mas eu sou curioso muito grande sobre essas questões de etnia e raça. Minha mãe é branca e meu pai é negro. É uma questão da minha própria vivência. (...) Comecei a lecionar e me apaixonei. Acabei vindo pra cá (FFP), fazia Direito na UFRJ e História aqui. Abandonei o Direito e fiquei na História. Uma coisa que até porque é uma questão minha me faz muito pensar é a questão de quem é negro no Brasil e quem é branco. Achava um absurdo quando estudava aqui que a gente não tinha nada sobre História da África, tentei poucas vezes, mas nunca me vinculei muito ao Centro Acadêmico (CA) de fato. A única vez que eu tentei vincular foi no sentido de batalhar por esse Departamento na FFP. Mas acabou que não foi pra frente. Terminei a graduação, aí encontrei lá na UFF o curso que acabei fazendo de Pós-graduação, porque tinha um curso de História da África, e penso que é complicado não haver o ensino de História da África. (Fragmentos retirados da Descrição do Debate)

Para Arendt (1979) os direitos humanos não são um dado, mas um “construído”, uma invenção humana, em constante processo de construção e reconstrução. Hunt (2009) em sua obra *A invenção dos direitos humanos*, expõe exatamente esse interesse moderno pela invenção e a ascensão dos direitos humanos. Com perspicácia de quem ressalta a premência no mundo contemporâneo das demandas referentes aos direitos, Hunt analisa historiograficamente, as discussões advindas do século XVIII de Thomas Jefferson, até a Declaração Universal dos Direitos Humanos do século XX. Segundo a autora o fenômeno dos direitos humanos:

Só se tornam significativos quando ganham conteúdo político. Não são os direitos de humanos num estado de natureza: são os direitos de humanos em sociedade. Não são apenas direitos humanos em oposição aos direitos divinos, ou direitos humanos em oposição aos direitos dos animais: são os direitos de humanos vis-à-vis uns aos outros. São, portanto, direitos garantidos no mundo político secular (mesmo que sejam chamados “sagrados”), e são direitos que requerem uma participação ativa daqueles que os detêm.(p.19)

Piovesan (2007) trata esse processo marcado pela universalização dos direitos humanos ao qual permitiu a formação de um sistema internacional de proteção desses direitos (p.36). Esse sistema fixa parâmetros protetores que refletem, sobretudo, a consciência ética contemporânea na medida em que os Estados invocam consensos internacionais acerca de temas como os direitos humanos. Portanto, as falas e muitas expressões advindas das discussões do Grupo Focal refletem essa linha, como o professor, que questiona a falta de uma disciplina no curso de História que conte com a História e Cultura Africana numa Faculdade de Formação de Professores. Este questionamento levantado pelo professor nos leva a pensar o papel da educação básica e a atuação dos professores na erradicação do racismo e de outros preconceitos na formação dos seus alunos. Porém, neste momento vou me ater à discussão dos direitos humanos.

Assim, a fala do professor transcreve justamente o que Hunt denomina de “apelo emocional”, pois “ela é convincente se ressoa dentro de cada indivíduo. Pois, além disso, temos muita certeza de que um direito humano está em questão quando nos sentimos horrorizados pela violação”. (Hunt, 2009, p.25). Ou seja, neste aparato social em que se inclui o sistema de cotas, os sentimentos, como os do professor participante no Grupo Focal, são privilegiados como meio de compreender essa invenção e efetivação dos direitos. Mais adiante à discussão, o professor conta uma experiência pessoal específico envolvendo a questão racial no Brasil:

Já tive a oportunidade de conversar com uma professora da Bahia e ela estava entrevistando egressos da Universidade que vinham de vários países africanos. Bom, eles contaram pra ela que muitos chegavam na cidade e falavam da recepção de acordo com vários convênios com as universidades. Eles vêm do aeroporto esperando alojamento nas universidades sem noção do que eles iriam esperar. O que mais me chamou atenção foi das coisas que a gente está conversando, eles se chocavam porque não sabiam que no Brasil existia racismo. Um negro andando na rua já causa um certo preconceito, medo. Um grupo de negros juntos angolanos, moçambicanos, davam medo, eles começaram a vestir roupas pra que eles pudessem mostrar sua cultura, andavam com livros, isso mostra a representação de que o negro vai te roubar. (Fragmentos retirados da Descrição do Debate)

Em outro momento do debate, o funcionário deu o seguinte depoimento:

Eu fiz um curso de elétrica predial pela COPERJ, e foi um concurso se passássemos fariamos o curso. Fizemos junto com o pessoal de petróleo e gás, tomando a frente de varias pessoas que não tinham conhecimento que eles tinham, mas o professor falou que na hora de arrumar um emprego eles não iam ficar porque tinha que colocar a mão nas ferramentas, não vão querer trocar o ensino superior pra ficar com a mão calejada. Não vou ocupar a vaga de trabalho, com relação a questão da cor...Então eu não

consigo conceber a distinção da pessoa pela cor. Não consigo; Existe sim (racismo), mas é uma coisa que tem que se frear, é da nossa criação, frases como o ‘futuro é negro’, ‘a coisa tá preta’. Tem horas que a gente se deixa levar pelo hábito, mas eu procuro me policiar nesse sentido. Eu vejo que o valor da pessoa não tá na pele, pra você ver tem uns exemplos de pessoas boníssimas e que são negras. (Fragmentos retirados da Descrição do Debate)

Nesse sentido, o trecho “Então eu não consigo conceber a distinção da pessoa pela cor. Não consigo; Existe sim (racismo), mas é uma coisa que tem que se frear, é da nossa criação, frases como o ‘futuro é negro’, ‘a coisa tá preta’ envolve não somente as cotas, mas a própria representação discursiva dos negros, assim como o reconhecimento quanto à existência e relevância do racismo na sociedade brasileira.

Michael Banton, traça sobre o desenvolvimento de raça, certa tendência entre os sujeitos de preferirem aqueles de sua própria espécie. Segundo Banton (1977), até então, “o termo foi utilizado primariamente no sentido de ‘linhagem’; as diferenças entre raças derivavam das circunstâncias da sua história e, embora se mantivessem através das gerações, não eram fixas” (p. 29). Com a mudança, o conceito passou a expressar “uma qualidade física inerente”. Nas palavras de Banton:

Os outros povos passavam a ser vistos como biologicamente diferentes. Embora a definição continuasse incerta, as pessoas começaram a pensar que a humanidade estava dividida em raças. [...] O novo uso da palavra “raça” fazia dela uma categoria física. Levou a negligenciar o modo como o termo era socialmente utilizado como categoria para organizar a percepção que as pessoas tinham da população do mundo (id.: 30).

O racismo apontado pelo professor e pelo funcionário, segundo Essed, é tanto estrutura quanto processo. É uma estrutura, uma vez que há dominação racial e étnica, que é reproduzida pelo sistema mediante a formulação e aplicação de regras, leis e regulamentos e por meio do acesso a recursos e de sua alocação. Por sua vez, racismo é um processo, porque estruturas e ideologias não existem à parte das práticas diárias mediante as quais são criadas e confirmadas:

O racismo cotidiano é um complexo de práticas operativas mediante relações heterogêneas (de classe e gênero), presentes em relações de raça e etnia e produzindo essas relações. Tais relações são ativadas e reproduzidas como práticas (ESSED, 2002: 50).

Por sua vez, o sociólogo Gilberto Freyre (2001) passa a considerar a miscigenação como um traço constitutivo e positivo do povo brasileiro. E de tal modo reconhece esse aspecto na população que o generaliza:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo

Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. [...] A influência direta, ou vaga e remota, do africano.¹⁵

No entanto, ao tempo em que constrói a idéia de um tipo nacional distinto, formado a partir da mistura de povos europeus, africanos e americanos, Freyre sugere que o racismo não é uma marca forte nas relações raciais no Brasil, minimizando a violência, física e simbólica, exercida contra negros e indígenas ao longo dos séculos.

Nesta perspectiva, com relação à cena que escolhemos, a imagem da ‘mão negra’ com anel de Doutor e a ‘mão branca algemada’, o funcionário escreveu em seu questionário o sentimento de INDIGNAÇÃO, a palavra ESPERANÇA e a alternativa da JUSTIÇA. Durante a discussão, o participante pronunciou “Você se assusta quando você olha a primeira vez, e volta a olhar. Você pára para analisar, porque acha que a situação está errada.”. Ou seja, passa a idéia que os papéis estão invertidos. Assim, a aluna complementa dizendo que “O negro estaria na posição do branco e talvez esteja algemado e o branco não, a gente tem essa idéia que a parte de crime só pertence ao negro.”, que por sua vez definiu a imagem num sentimento de ALÍVIO, na palavra CONQUISTA e na alternativa de TRANSFORMAÇÃO DE IDÉIAS.

Hunt define estritamente o papel dos sentimentos na autoevidência¹⁶ dos direitos humanos:

Os direitos humanos dependem tanto do domínio de si mesmo como do reconhecimento de que todos os outros são igualmente senhores de si. É o desenvolvimento incompleto dessa última condição que dá origem a todas as desigualdades de direitos que nos têm preocupado ao longo de toda a história. (HUNT, p. 28).

A partir do século XVIII, a individualidade dos sujeitos passou a ser respeitada, de modo que as pessoas passaram a adotar novos modos e respeitavam mais o cuidado com o

¹⁵ FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. 43. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001, p. 343.

¹⁶ Hunt trabalha com a idéia de autoevidência proposta por Jefferson, que deixou isso explícito quando escreveu: "Consideramos estas verdades autoevidentes". A autora diz: “A declaração francesa afirmava categoricamente que ‘a ignorância, a negligência ou o menosprezo dos direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção governamental’. Em 1948, pouca coisa mudava: a Declaração das Nações Unidas assumia um tom mais legalista: ‘Visto que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Mas isso também constituía uma afirmação de autoevidência, porque ‘visto que’ significa literalmente ‘sendo fato que’. Em outras palavras, ‘visto que’ é simplesmente um modo legalista de afirmar algo determinado, autoevidente. Acredito que a afirmação de autoevidência é crucial para a história dos direitos humanos, e este livro busca explicar como ela veio a ser tão convincente no século XVIII. Felizmente, ela também propicia um ponto focal no que tende a ser uma história muito difusa. Os direitos humanos tornaram-se tão ubíquos na atualidade que parecem requerer uma história igualmente vasta. A autoevidência reside na três qualidades encadeadas dos direitos humanos: devem ser *naturais* (inerentes nos seres humanos), *iguais* (os mesmos para todo mundo) e *universais* (aplicáveis por toda parte). Para que os direitos sejam direitos *humanos*, todos os humanos em todas as regiões do mundo devem possuí-los igualmente e apenas por causa de seu status como seres humanos.” (p. 17- 19)

próprio corpo, em atividades comuns do dia-a-dia, como observa Hunt: “Usavam utensílios para comer e começavam a considerar repulsivo um comportamento antes tão aceitável, como jogar comida no chão ou limpar excreções corporais nas roupas. (...) Todas essas mudanças contribuíram para uma percepção da separação e do autocontrole dos corpos individuais, junto com a possibilidade de empatia com os outros” (HUNT, p.28). Ou seja, a sociedade olha para o negro como quem vê um criminoso, que comete delitos, pré-conceituando qual o lugar do negro na sociedade.

Segundo Bhabha (1998) arquitetou-se socialmente o “lugar” do negro no mundo, o que pressupõe baixos índices de ingresso e de permanência dos mesmos nas universidades públicas. Em contraposição a este quadro, é elaborada esta propaganda da UNESCO no ano de 2006, como diz Franco (2006):

Indica-se, assim, a “história diferente” que se almejar escrever? Que idéia se sustenta por meio dessa imagem invertida – oposta ao que se costuma representar (um braço negro preso e uma mão branca com anel de doutor)? A idéia da igualdade, ou da punição, do ressentimento? Será que a propaganda não indicaria que os “brancos” têm que sofrer como os negros sofreram no passado? Questiona-se se esse tipo de discurso não estaria na base de um violento processo em que os “oprimidos” de ontem não têm, de fato, a esperança de verem revertida uma situação desigual a qual foram submetidos no passado e que estariam na base das desigualdades atuais. Mesmo com todas as ações afirmativas em curso, a desesperança faz com que a única revanche possível seja esperar que “eles” sofram como “eles” sofreram ou ainda sofrem hoje em dia. (p.169)

A funcionária participante, é assistente social da FFP, trabalha no Departamento do PROINICIAR¹⁷, que organiza e orienta os cotistas da UERJ:

Eu faço a ponte entre FFP e Proiniciar, a parte burocrática da bolsa, material didático, orientações. Mas apenas essa parte de distribuição, achei que seria pouco. Como eu fiz mestrado em Serviço Social, poderia me aproximar mais desta questão. Aí fiz uma proposta a Direção da Unidade e foi aceita, de começarmos a organizar oficinas para discutir essa questão não só das cotas, mas também de tudo que acontece na universidade, todos os debates na mídia sobre a universidade. Começaram as oficinas que se chamam “Refletindo sobre a universidade”. Passamos um semestre discutindo isto, trouxemos alunos do UERJ Maracanã, houve divulgação com cartazes e estes alunos contam suas experiências como cotistas. Foi bem legal o trabalho. Agora continuamos fazendo oficinas e discutimos gênero e etnia. Neste projeto temos uma bolsista.(...)Como aqui na FFP, os estudantes serão futuros professores, eu achei interessante discutir gênero e etnia, porque eles

¹⁷ PROINICIAR é um programa desenvolvido pela Sub-Reitoria de Graduação da UERJ, com o objetivo de reduzir o índice de evasão universitária relacionado com a situação cultural-acadêmica e sócio-econômica dos estudantes, assegurando seu desenvolvimento suprimindo demandas educacionais e sócio-culturais que visam o êxito destes alunos nas disciplinas específicas de seus cursos. Este departamento oferece oportunidades de atividades extracurriculares, auxílio nos processos burocráticos referente às bolsas destinadas aos cotistas e distribuição dos materiais destinados aos mesmos, como na FFP, são distribuídas mochilas rosas ou azuis, *pen-drive* e livros de acordo com o curso.

estão se preparando pra serem professores e muitas vezes vão encontrar esses desafios de lidar com o preconceito em sala de aula.

A participante contou-nos que já havia trabalhado antes com o DEP (Departamento de Orientação Pedagógica) na UERJ Maracanã, mas que já havia contribuído bastante neste e seguiu para o trabalho na FFP. Sobre a imagem colocou o sentimento de ESPERANÇA, a palavra OPORTUNIDADE e a alternativa de UNIÃO. A assistente social relatou que as oficinas não são diretamente aos cotistas, mas para todos, “o que é importante para formação e desenvolvimento de todos os estudantes da FFP.”.

O trecho retirado do filme *5x Favela* contava com a história de um estudante negro que enfrentava adversidades e dificuldades para freqüentar a universidade. Desta forma, o personagem busca vender drogas para tentar subsidiar os custos gastos como textos, transporte e alimentação. Organizo adiante uma tabela com as respostas dos questionários referentes aos filmes.

CENA 5x Favela	Sentimento	Palavra	Alternativa
Professor	Vergonha	Injustiça	Estado (Público)
Funcionário	Revolta	Identificação	Sem desnível
Funcionária	Revolta	Luta	Perseverança
Estudante	Angústia	Acesso	Oportunidade de permanência

Quadro 2: Respostas dos participantes sobre o filme *5x Favela*.

CENA Escritores da Liberdade	Sentimento	Palavra	Alternativa
Professor	Compromisso	Desigualdade	Diferença
Funcionário	Verdade	Inconformismo	Luta
Funcionária	Coragem	Amor	Ensinar a amar
Estudante	Coragem	Conquista	Passo rumo à transformação

Quadro 3: Respostas dos participantes sobre o filme *Escritores da Liberdade*.

A última questão do questionário era para relacionar a imagem e as cenas e escrever uma frase de cunho afirmativo e uma frase de cunho negativo. De modo geral, as respostas foram bem parecidas umas com as outras. A questão da oportunidade de acesso e a superação das dificuldades é presente:

Cunho afirmativo: É possível alcançar o que se almeja, desde que se tenha amor e perseverança. (Resposta da Funcionária).

Cunho afirmativo: Com relação à primeira cena, mesmo com toda dificuldade o ‘sonho’ é sempre maior embora as dificuldades sejam enormes.

Cunho negativo: Com relação à segunda cena, o próprio diretor da escola (que aparece no filme) agiu como se o problema não tivesse solução e aceitou como se nada pudesse ser feito para solucioná-lo. (Resposta do Funcionário)

Cunho afirmativo: Quando nos são dadas oportunidades de andarmos rumos as nossas conquistas, seremos pessoas capazes de transformar o mundo.

Cunho negativo: As forças dos interesses políticos nos tornam indivíduos que reproduzem o cenário do caos. (Resposta da Estudante)

Para Bourdieu (1998) reflete-se “nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos” (p.41). Contudo, há uma seletividade racial no acesso ao ensino superior que não está situada no vestibular, mas sim em momentos anteriores. Fatores que vem ocorrendo para excluir os estudantes negros do processo de concorrência pelo acesso à universidade, que advém do ensino escolar básico e explodem no ensino superior.

Como argumenta o professor, o Estado deve “tratar os desiguais de forma desigual para que possam verdadeiramente, ser iguais”. Com todas as falas, negativas e positivas, o sistema de cotas funciona para ‘tratar os desiguais de forma desigual’, como preenche o professor em seu cunho afirmativo, e tem mudado completamente as condições sociais dos negros e dos estudantes de escola pública, mas não salva esses grupos da precariedade e não nos autoriza a concluir que tenham sido inúteis, nem permite afirmar que estas populações não tenham recebido atenção alguma por parte dos poderes públicos.¹⁸

Das condições de igualdade de tratamento dos cidadãos de uma mesma nação é a igualdade de acesso aos bens e serviços públicos. Advinda de uma Universidade Privada, ingressou na UERJ por meio de Transferência Externa, a estudante participante do Grupo Focal reforça a questão da oportunidade de acesso. Já havia citado ‘oportunidade’ na alternativa da primeira cena e na explicitação conclusiva denota “quando nos são dadas oportunidades de andarmos rumo às nossas conquistas”. E de todas as maneiras podemos

¹⁸ CASTEL, Robert. A discriminação negativa: Cidadãos ou autóctones. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 33.

dizer que o Estado está presente na implementação de políticas, a fim de restabelecer os direitos concedidos a todos os cidadãos brasileiros. Como diz Castel (2008):

Quanto aos jovens discriminados em base à pertença étnica, não estamos afirmando que todos são inocentes. Mas, inocentes ou culpáveis, eles podem ressentir um profundo sentimento de injustiça quando os representantes da lei os tratam como se eles não fossem iguais perante a lei.¹⁹

Por fim, a experiência dos grupos focais nesse primeiro momento, nos deu bastante impulso a seguir em frente nas discussões e dilemas que enfrentaríamos nos encontros adiante. Entretanto, é muito difícil mensurar as razões pela qual, as cotas constatarem um debate cada vez mais preciso dentro da Universidade, falando especificamente da UERJ, uma das pioneiras na implementação dessa política compensatória.

Na trilha deste debate, José Jorge de Carvalho e Rita Segato, antropólogos da Universidade de Brasília e proponentes de uma política de cotas para “negros” naquela universidade, argumentam que não basta continuar com uma política educacional dirigida apenas para incluir os mais pobres:

De acordo com as projeções do Ipea, se a educação brasileira continuar progredindo no mesmo ritmo que hoje, em treze anos os brancos devem alcançar a média de oito anos de estudo e os negros só atingirão essa meta daqui a 32 anos. Portanto, só daqui a três décadas brancos e negros ficariam a par no ensino e concorreriam em pé de igualdade a uma vaga no ensino superior público. Com isso, o Brasil arcaria com o ônus de perder os talentos de mais uma geração de jovens negros, em sua quase totalidade.²⁰

As cotas se constituem num objeto de compensação. Além disso, o receio, o medo por adquirir preconceito quanto aos negros e sua entrada na Universidade esteve presente na maioria das falas dos participantes. A mão do negro doutor significou para a maioria dos participantes uma conquista para os negros, uma transformação da mentalidade social, uma oportunidade para que aqueles que foram por tanto tempo excluídos tivessem como ter campo no meio acadêmico, porém não concordaram com a “algema” no branco que acabava gerando um racismo às avessas, com a justificativa de que a algema e o lugar do criminoso, não pertence ao negro, mas também não pertence aos brancos.

Mais de um participante sugeriu que a política de cotas poderá prejudicar, sobretudo “brancos pobres”. Como diz Hélio de Araújo Evangelista:

¹⁹ CASTEL, Robert. op.cit., p. 43.

²⁰ CARVALHO, José Jorge de e SEGATO, Rita. Cotas para estudantes negros no Brasil. Fórum de Antropologia do/no Brasil. Disponível em: <http://listhost.uchicago.edu/mailman/listinfo/ant-br> Acesso em 26 de outubro de 2011.

A cota para negros discrimina o branco mais pobre, pois sem ela poderia alcançar mais facilmente a vaga almejada na universidade ou no emprego público. O branco com recursos não terá dificuldades para alcançar seus objetivos. Querer superar uma injustiça produzindo outra não parece ser o melhor caminho.²¹

É correto afirmar, como Silva (1994) que “o isolamento social imposto aos afro-brasileiros pode explicar problemas ligados à crise social geral” o que não nos leva, no entanto, a uma análise dessa crise a partir do modelo bipolar de classificação. Com efeito, não é racilizando o debate e as relações sociais, tornando-as um combate entre “raças”, que encontraremos a saída para o grave problema das desigualdades sociais do Brasil.²²

A análise desta implicação vai de encontro ao Fry e Maggie(2002) afirmam:

As medidas pós-Durban, ao proporem ações afirmativas em prol da “população negra”, rompem não só com o a-racismo e o anti-racismo tradicionais, mas também com a forte ideologia que define o Brasil como país da mistura, ou, como preferia Gilberto Freire, do hibridismo. Ações afirmativas implicam, evidentemente, imaginar o Brasil composto não de infinitas misturas, mas de grupos estanques: os que têm e os que não têm direito à ação afirmativa, no caso em questão, “negros” e “brancos”.

A partir desta perspectiva, a desigualdade sócio-econômica e cultural existente na sociedade brasileira, que afeta diretamente o sistema educacional, gera nos homens um sentimento de revolta. A presença do Estado até pode ser uma alternativa junto ao fim das claves sociais, como o disputado acesso ao ensino superior, por exemplo. Vimos um pouco desta discussão no segundo filme, *Escritores da Liberdade*, que aborda as dificuldades de estudantes do ensino médio com seu pouco capital cultural, o descrédito da maioria dos que os cercam em se tornarem profissionais em alguma área e a atuação de apenas uma professora, em busca de uma ação diferenciada numa escola pública dos Estados Unidos. Este filme representou para os participantes um sentimento de compromisso, coragem e verdade, contra a desigualdade e o inconformismo. A alternativa estava no ato de fazer a diferença, de lutar, de transformar.

Os dois filmes destacaram estudantes negros e/ou oriundos das camadas populares que foram excluídos do acesso ao ensino público, por conta do afunilamento do sistema educacional e a baixa qualidade das escolas básicas públicas que influi na disseminação da idéia da incapacidade da população, para competir no vestibular, o que também incide na discussão e valorização do mérito.²³

²¹ Jornal *O Globo*, Cartas dos Leitores, 24 abr. 2002. In: FRY, Peter; MAGGIE, Yvone. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100008&script=sci_arttext Acesso dia 01 de novembro de 2011.

²² SILVA, Jorge. Direitos civis e relações raciais. Rio de Janeiro, LUAM, 1994, p. 26.

²³ GOUVEA, V. Territórios de Exclusão e Inclusão: uma análise geopolítica das escolas públicas e privadas dos

Nesse momento, não tenho o cinema como um alvo final da pesquisa, mas sim como uma parte da argumentação mais ampla da representação. Além disso, pensar o cinema como uma forma de linguagem, é estabelecer que este carrega prioridades de uma determinada cultura, seu conjunto específico de prioridades e valores, uma composição do mundo físico e social.

Em *5x Favela*, a realidade de muitos jovens brasileiros estava sendo representada, mesmo contendo estereótipos e uma visão específica, pôde ser capaz de gerar nos participantes incômodo e indignação contra a realidade social, tal qual história pode ser creditada como verídica, mesmo sendo uma ficção. O mesmo ocorre ao segundo filme, que apesar de ser baseado em fatos reais, bem como teve seu conteúdo romantizado, os participantes do grupo focal se identificaram com o papel, que arcou com compromisso e coragem, da professora Erin que luta para a mudança social.

Esse embate aborda e apresenta, nesse grupo focal ainda, o ponto em que convergem as justificativas para a aceitação ou negação por parte dos que convivem com essa política afirmativa. Essa prática já sinaliza um bom início de um trabalho multicultural, desafiador de preconceitos e de estereótipos construídos no bojo de relações de poder hierarquizadas. Uma melhor reflexão nessa direção ampliaria a perspectiva educacional de estudantes negros e seria inspirador de atitudes que transcendam a simples valorização e aceitação das diferenças, no seio das relações interpessoais e profissionais, para contribuir, ainda mais efetivamente, com o país na (re)construção da sociedade, devastada por conflitos étnicos, religiosos, culturais e lingüísticos, promovendo, assim, uma escalada, ainda que incipiente, mas segura, na direção de uma paz auto-sustentável.

2.2 – Racismo e discriminação positiva

Povo saído do povo, nação dentro da nação, raça deslocada que tem por única capital seus braços,
 como terra um ofício, como lar um teto emprestado, como pátria um ateliê,
 como vida um salário. É uma casta flutuantes, de contornos quebrados,
 que nada mais sabe fazer do que uma única coisa, e que, logo que seu ofício todo especial
 e seus viveres venham a faltar, propagam-se e extravasam-se pela nação,
 sob forma de coalização, de arruaceiros, de vagabundos, de raça destinada a povoar o solo,
 espécie de escravos da industria que serve sob o mais rude dos mestres: a fome.
*Alphonse de Lamartine*²⁴

O segundo encontro do Grupo Focal foi marcado novamente, pela resistência e desistência de alguns participantes convidados. A equipe do Grupo de Pesquisa teve problemas técnicos e assim, decidimos não montar os equipamentos de filmagem porque esta dinâmica não funcionou bem no primeiro encontro.

Avaliamos que, a presença da câmera filmadora, como instrumento de pesquisa, no primeiro grupo focal poderia ter causado inibição, constrangimento aos convidados. Isto porque nós utilizamos a câmera filmadora do início ao fim do encontro. Todavia, após desligar a câmera, o funcionário começou um diálogo com os demais participantes e com a mediadora acerca de um acontecimento pessoal, que ele julgou ser polêmico.

Assim neste Grupo Focal não utilizamos a câmera, apenas um gravador, visto que há interesse nas falas que estes convidados podem nos oferecer. Sem dúvida, analisar gestos e expressões dos participantes causaria maior desenvolvimento deste objeto. Porém, nos atemos apenas aos discursos.

Estiveram presentes quatro participantes: dois alunos (um homem e uma mulher), uma professora e um funcionário. Inicialmente, o Grupo Focal funcionou na mesma dinâmica que o primeiro: Apresentação da pesquisa; Apresentação da imagem; Apresentação do primeiro filme e os participantes preenchem o questionário; Apresentação do segundo filme e os participantes preenchem o questionário; Os participantes escrevem uma pequena conclusão sobre a imagem e os dois filmes no questionário; Os participantes fazem um pequeno debate sobre o tema e os materiais mostrados no grupo focal.

A imagem utilizada foi uma Campanha da Co-Diretoria de Bem- Estar Animal da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis. Na imagem, há um cachorro mal tratado com a seguinte frase: “Procuro um dono de Raça. Porque um dono vira-lata eu já tive...”.

²⁴ Alphonse de Lamartine, em seu discurso pronunciado aos 14 de dezembro de 1844 na Câmara dos Deputados da França, para defender o direito ao trabalho explica este paradoxo de uma maneira cujo lirismo lingüístico não deve simular a intuição sociológica profunda que ele abarca. (*La France parlantantaire – Ouevres oratoires et écrits politiques*, t. IV, p. 109).



Figura 8: Propaganda do cachorro vira-lata.

O primeiro filme escolhido foi o curta-metragem *Xadrez das Cores*, que pode ser assistido no Porta Curtas Petrobrás²⁵. O filme conta a história de Cida, uma empregada doméstica, pobre, humilde e residente de uma comunidade carente, que acaba se interessando pelo jogo de xadrez por ser vítima de barganhas de sua arrogante e prepotente patroa Maria, de oitenta anos. Após fazer pequenos estudos acerca das regras e de como melhorar seu jogo, tenta levar o xadrez para sua comunidade pobre, no intuito de, tentar retirar as crianças e adolescentes do contato com coisas nocivas, como o interesse pelo mundo do crime, o que é muito comum em comunidades onde o crime organizado domina.

²⁵ Porta Curtas Petrobrás é um site de exibição e catalogação de filmes de curta-metragem brasileiros, patrocinados pela empresa multinacional Petrobrás. O curta-metragem *Xadrez das Cores* retrata, em outras coisas, mas principalmente o racismo e o preconceito social. Mas também uma forma de utilização do xadrez que é bastante interessante: o xadrez como uma ferramenta social e de resgate da cidadania. Cida, uma mulher negra de quarenta anos, vai trabalhar para Maria, uma velha de oitenta anos, viúva e sem filhos, que é extremamente racista. A relação entre as duas mulheres começa tumultuada, com Maria tripudiando em cima de Cida por ela ser negra. Cida atura a tudo em silêncio, por precisar do dinheiro, até que decide se vingar através de um jogo de xadrez. Disponível em: <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=2932> Acesso em 01 de novembro de 2011.



Figura 9: Cida joga xadrez com sua patroa Maria.



Figura 10: Cida ensina xadrez aos seus vizinhos jovens.

O segundo filme escolhido foi *Billy Elliot*²⁶, que retrata a vida do garoto de onze anos, filho de um mineiro de carvão do norte da Inglaterra, muda para sempre quando ele tropeça em uma aula de ballet durante sua lição semanal de boxe. Em pouco tempo ele encontra-se

²⁶ *BILLY ELLIOT* é a história de um garoto que, através de seu amor inesperado pela dança, embarca numa viagem de auto-descoberta num mundo de greves, estereótipos culturais, uma família em crise e uma professora de ballet determinada. Quando esse menino de 11 anos presencia uma aula de ballet que é dada no mesmo galpão onde treina boxe, alguma coisa na magia dos movimentos atrai a sua imaginação e logo ele vai querer enterrar as luvas de boxe para se esgueirar no fundo das aulas da Sra. Wilkinson. Sem esquecer das outras bailarinas, ela se dedica a ensinar seu novo protégé. Enquanto isso, o pai de Billy e seu irmão mais velho, Tony - ambos mineiros em greve -, lutam para levar comida à mesa todos os dias. Suas frustrações finalmente explodem quando descobrem que Billy estava gastando o dinheiro das aulas de boxe em atividades pouco masculinas. Proibido de fazer ballet, atormentado pelo comportamento cada vez mais senil de sua avó e com saudade de sua recém-falecida mãe, Billy aprofunda seu relacionamento com o colega de escola Michael, numa amizade emocionante, enquanto a nova colega, Debbie, filha da Sra. Wilkinson, desperta sentimentos assustadores, mas nada desconfortáveis ao garoto. Quinze anos mais tarde, o pai, Tony e Michael olham com orgulho a cortina subir para dar início à *première* de Billy num papel principal no West End de Londres.

²⁶ MASCARENHAS, Delcele. Desigualdade no Ensino Superior: Cor, Status e Desempenho. UNEB/ UFBA Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/delcelemarescarenhasqueiroz.pdf> Acesso em 04 de novembro de 2011.

imerso na dança, demonstrando seu talento nas aulas de Sra. Wilkinson. Mas Billy tem que ocultar sua participação nas classes de *ballet* a seu viúvo pai e a seu irmão, pois ambos estão lutando nas minas para trazer algo para comer em casa.



Figura 11: Billy Elliot com trajes de boxeador se inscreve nas aulas de *ballet*



Figura 12: Billy Elliot ganha apoio da professora.



Figura 13: Billy entre as bailarinas.

O acesso, ao ensino superior, às *aulas de ballet*, o acesso de um modo geral está relacionado ao alcance e a manutenção de privilégios, o que marca o seu caráter fortemente seletivo. No Brasil, diversos autores têm desenvolvido produções para compreender o modo como ocorre a participação dos segmentos sociais nesse nível de ensino (Franco, 2006; Castro e Ribeiro, 1979; Ribeiro, 1981, 1983, 1990; Serpa, 1989; Gouvêa, 2009; Bessa, 1990; Maggie, s/d; Nogueira, Romanelli e Zago [orgs], 2000). Para Serpa (1986), o caráter seletivo do ensino superior foi reforçado, no Brasil, pelas características que assumiu a criação do sistema educacional, estruturando o ensino superior antes do ensino primário, no início do século.

No entanto, a grande expansão das vagas às universidades não foi capaz de mudar o processo de democratização na participação nas áreas e cursos no interior da universidade.²⁷ Maggie(s/d.)²⁸, observa que “na verdade não há propriamente ricos e pobres na universidade, porque para ingressar no sistema universitário é preciso já ter um certo nível de renda, um capital cultural”. Para a autora, o aumento das vagas que permitiu o acesso de um maior contingente de mulheres, negros e estudantes das periferias ao ensino superior revela-se “um sistema que quanto mais muda, mais permanece o mesmo”. (Maggie, idem).

Por outro lado, as políticas compensatórias, como ações afirmativas, se apresentam à parcela “excluída” da sociedade, não mais como a possibilidade de universalizar direitos, mas de particularizá-los, tornando os sujeitos sociais, que vivem no seu cotidiano para além das

²⁷ MASCARENHAS, Delcele. Desigualdade no Ensino Superior: Cor, Status e Desempenho. UNEB/ UFBA Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/delcelemarescarenhasqueiroz.pdf> Acesso em 04 de novembro de 2011.

²⁸ O trabalho da autora é posterior a 1995, vez que traz referências a publicações desta data.

raças, em grupos separados que só se encontraram numa disputa racial que está se tornando moda.²⁹ Junior (2005) considera que:

Apesar da argumentação da exclusão de negros do acesso a esses bens, verificamos que esse processo político-econômico atinge a toda a população terceiro-mundista. No entanto, não estamos cegos ao racismo presente da história brasileira, o que nos leva, contudo, a sustentarmos que esse esteja ligado ao gradiente de cor que desprivilegia os mais escuros.

A partir do discurso de exclusão do negro dos diferentes espaços sociais e de acesso à bens, estes grupos focais empreendem um vigoroso esforço deste debate político, com a veiculação de informações, perspectivas, avaliações e opiniões comumente diluídas, sufocadas ou sub-representadas nos meios acadêmicos, em geral. Portanto, fez-se necessário desenvolver uma discussão de tema ‘Racismo e discriminação negativa’.

2.2.1 - Preconceito e discriminação negativa

Intitulado “Racismo e discriminação negativa”, o segundo Grupo Focal contou com mais tempo de discussão entre os participantes, e acredito que, mais experiência por parte das mediadoras. Esta maior abertura nos mostrou, por sua vez, maior familiaridade com o tema pesquisado o que assegurou aos participantes confiança e seriedade desta pesquisa, além da nossa preparação que garantiu segurança aos entrevistados quanto ao segredo de suas confidências e de se sua identidade e a organização de um roteiro e do questionário.

A imagem do cachorro vira-lata causou o sentimento de tristeza, num modo geral. Tivemos três dessas respostas, exceto o aluno que sentiu pena ao observar o cão à procura de um dono de raça. Das palavras descritas, as duas mulheres participantes escreveram abandono, os outros, descaso e indignação. As alternativas citadas foram: adoção, leis enérgicas contra o abandono e mais responsabilidade, mais respeito.

Imagem	Sentimento	Palavra	Alternativa
Funcionário	Tristeza	Descaso	Adoção
Professora	Tristeza	Abandono	Adoção
Aluno	Pena	Indignação	Leis enérgicas contra o abandono
Aluna	Tristeza	Abandono	Mais responsabilidade, mais respeito

Quadro 4: Respostas dos participantes sobre a Imagem do Cachorro vira-lata.

²⁹ JUNIOR, Nilton Rodrigues. Política de Cotas: Impasses e Limites. Revista Espaço Acadêmico – nº 54 Novembro, 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/054/54rodriguesjr.htm> Acesso em 04 de novembro de 2011.

Sobre os dois filmes, *Xadrez das Cores* e *Billy Elliot*, os participantes descreveram os seguintes resultados respectivamente:

Cena 1: Xadrez das Cores	Sentimento	Palavra	Alternativa
Funcionário	Ira	Pré-conceito	Reconsideração
Professora	Repulsa	Indignação	Mudança de Paradigma
Aluno	Vergonha	Nojo	O negro assumir sua identidade
Aluna	Racismo	Vergonha	Punição seguida de esclarecimento

Quadro 5: Respostas dos participantes sobre o filme *Xadrez das Cores*.

Cena 2: Billy Eliot	Sentimento	Palavra	Alternativa
Funcionário	Medo	Frustração	Aceitação ou rebelião
Professora	Repulsa	Preconceito	Mudança de paradigma
Aluno	Espanto	Curiosidade	Mentes mais abertas
Aluna	Preconceito	Dificuldade	Ampliar a visão de mundo

Quadro 6: Respostas dos participantes sobre o filme *Billy Elliot*.

Dentre os quatro participantes, apenas a professora e o estudante declararam sua etnia. A professora declarou-se mista e o estudante, negro. No primeiro grupo focal, apenas a estudante, o funcionário e o professor preencheram sua etnia. Esta questão é problemática, sobretudo quando discutimos cotas para negros em universidades públicas, bem como ficou evidenciado entre os participantes que compartilharam que é complicado definir quem é negro, hoje, no Brasil.

Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso.³⁰ Por conta da biologia molecular, dos estudos genéticos, muitos brasileiros carregam marcadores genéticos africanos. Durante a discussão do Grupo Focal, o estudante diz:

Além disso, o próprio negro tem preconceito. Eu estava conversando com um amigo meu que trabalhou no Censo do IBGE, e aí ele disse que visitava a casa de muitos negros, e quando eles preenchiam o censo respondiam que eram pardos. Falta isso, do próprio negro em se assumir como ser negro. Enquanto ele não tiver a força na fala, as pessoas vão continuar praticando o racismo, porque o próprio sujeito tem vergonha da sua cor.

Na oportunidade, a professora retoma salientando que:

Até na questão do convívio, hoje em dia com a moda do discurso do politicamente correto, as pessoas tem orgulho ou não orgulho de dizer que são negros. Até na questão das próprias cotas mesmo, há os casos de pessoas que não são negros e se declaram porque ali lhes é conveniente.

As ações afirmativas lançam à sociedade um espaço para afirmação das múltiplas identidades individuais e sociais e a defesa da diferentes expressões culturais que advém do curso da cena histórica.³¹ Os negros se representam, de toda forma, ainda que com todas as contradições indo ao encontro ao que Bhabha (2006) diz:

Neste *fin de siècle*, encontramos-os no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás.³²

Para Hall³³ as identidades são definidas historicamente e não biologicamente. E de certa forma, as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelos processos de globalização. De fato, como apontou a Professora:

Eu acho que principalmente nos filmes, é a mesma questão, a do preconceito. Embora uma questão seja um preconceito contra um papel social, atividade feminina, o balé. Mas nos dois casos, ampliam-se na questão da diferença. O problema é lidar com a diferença. **A diferença assusta, então você define papéis sociais, define valores, define o que é branco é superior, o que é preto não é.** E isso está tão arraigado em nós,

³⁰ A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. ENTREVISTA DE KABENGELE MUNANG. ESTUDOS AVANÇADOS n° 18 p. 50 – 56, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf> Acesso em 28 de novembro de 2011.

³¹ FRANCO, M. Espectros na Mídia: Políticas afirmativas ou políticas de piedade? O sofrimento do outro no contexto do “último homem”. Tese de Doutorado - Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, p. 198.

³² BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 19

³³ HALL, S. Identidades culturais na pós modernidade. Rio de janeiro: Editora DP&A, 1997, p.12.

que nós dizemos ‘a coisa está ficando preta’, ninguém diz que ‘a coisa está ficando branca’. E muitas vezes isso já saiu da questão do racismo, é uma questão histórica. (Grifos meus)

A população brasileira é caracterizada pela miscigenação. Hall (1997) afirma que as culturas nacionais, na verdade, “são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (p.62). A partir desta perspectiva, se um branco declarar que é negro, num caso relacionado com as cotas, não há como contestar.

Segundo a última PNAD/IBGE, 49,4% da população brasileira se auto-declarou da cor ou raça branca, 7,4% preta, 42,3% parda e 0,8% de outra cor ou raça. A população negra é formada pelos que se reconhecem pretos e pardos.³⁴

2.2.2 - Não vai mudar. - Não, mudar pode mudar sim.

A discussão recebeu um destaque acerca de algumas notícias e fatos que aconteceram no país sobre a questão racial, de modo geral. Durante o Programa “Domingão do Faustão”, da Rede Globo de Televisão, um ator brasileiro, Rodrigo Lombardi, ao dar sua nota num quadro de Dança, deu o seguinte depoimento: *Moleque, tem um cara que eu sou muito fã desde criancinha, acho que foi ele que me fez ser artista, juntamente com meu pai. Era um cara que, na sua época, era negro, caolho, de 1 metro e 50, chamado Sammy Davis Junior, que quando entrava no palco saía com 2 metros de altura, loiro, de olhos azuis. Você tem isso, você tem esse brilho.*

O estudante julga o depoimento do ator como infeliz e concorda que “no lugar dele (o dançarino) ser bom, ele devia ser branco”, ou seja, em vez do dançarino ser um bom profissional, ele deveria ser branco. A professora pondera que:

Ele (o ator) não colocou a opinião dele, **ele quis apenas fazer uma comparação que está no inconsciente coletivo social. É como se ele dissesse uma mulata linda**, só que uma mulata pra começar já é pejorativo porque vem de mula. A miscigenação do negro e o branco que geraria uma raça inferior, que é a mula, a mulata que hoje ganhou a conotação de uma mulata, uma negra linda que samba. Em muitas palavras, em muitas comparações já saiu da questão do preconceito, e neste caso ele apelou para uma imagem do inconsciente do coletivo histórico. O cara cresce no palco, não é o preconceito com o baixinho. A grande infelicidade dele foi dizer essa frase, que já foi dita por muitos antes, num momento em que você tem todo

34 BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/> Acesso em 15 de novembro de 2011.

um discurso do politicamente correto ao extremo que é tão radical quanto.(Grifos meus)

A desigualdade existente entre negros e brancos no Brasil gerou um sentimento de superioridade branca. Mas que se pode crer que nasçam negros, ‘que cresçam em palcos’ ou ‘mulatas que sambem’. A cultura africana não é reconhecida, visto que nos currículos da educação básica. A escola brasileira centraliza o conhecimento baseado no eurocentrismo. Estudamos História da Europa, História dos Estados Unidos, e isso é que nós reproduzimos e considera-se importante. Os outros Estados e aquilo que eles produzem, os seus mitos, as suas crenças, para nós são descartáveis.

Outro caso que repercutiu na mídia e surgiu no debate do Grupo Focal, foi o Concurso de Miss Universo deste ano, 2011. A angolana Leila Lopes venceu o concurso e em entrevista disse: "Felizmente, o racismo não me atinge, pois são as pessoas racistas que tem um problema. Devemos nos respeitar, independente do sexo, cor ou classe social".³⁵

A mediadora do Grupo Focal questiona “Quem venceu? Foi uma negra?” e a professora responde:

Sim, esperava outra coisa? Ganhou todas as páginas, capas de jornais e revistas, e todas as comunidades negras apoiando, que eu acho que devemos tomar cuidado para que o preconceito não estabeleça ao contrário, que você passe a ter vergonha de ser branco de olhos azuis. (grifo meu)

A fala da professora se une ao que ela já havia dito anteriormente. A escolha de uma negra como Miss Universo vai ao encontro do politicamente correto. Visto que, se a angolana não fosse escolhida a tal posto, o Concurso poderia ser acusado de racista. Por sua vez, a negra foi escolhida a mais bonita dentre os países participantes do Concurso, porque é uma forma reparatória com o sofrimento das mulheres negras do passado.

O estudante prontamente indaga a fala acima dizendo:

Se o cara usar uma camisa com 100% branco, imagina o preconceito? O cara não pode ter orgulho da cor dele, eu (negro) posso e ele não? Acho que não tem que ter também esse papo de ‘vamos criar lei a favor do negro’, acho que só dizer não tenho preconceito e ponto final. Você cria uma forma da pessoa entrar ‘mais fácil’ na faculdade, já cria um preconceito. Aqui na faculdade, as pessoas olham pra mim e me perguntam se eu sou cotista, eu respondo não sou, e elas respondam “Mas você não é de cotas? Você é negro...” e eu digo “É, eu sei. Tudo bem, eu não tive condições de entrar pelo sistema de cotas, se tivesse entraria mas eu não entrei por cotas”.

Em seguida o estudante, que se classificou negro, justifica seu ingresso à Universidade sem a reserva de vaga.

³⁵ FONTE: Site Terra. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/miss-universo/2011/noticias/0,,OI5345772-EI18486,00-Felizmente+o+racismo+nao+me+atinge+diz+Miss+Universo.html> Acesso em 10 de novembro de 2011.

Não entrei (pelas cotas) por causa da renda do meu pai. E as pessoas ainda olham pra mim e pensam “É negro, é pobre”. Legal você criar uma lei que torne igual os estudantes de escola pública, porque isso sim é uma injustiça.

A implantação da política de cotas gera, também, debates tanto de ordem jurídica, evidenciados nas plenárias e votações no Congresso e processos judiciais contrários e favoráveis à política, quanto de cunho acadêmico, apresentando intensa discussão entre a comunidade. Termo como “O racismo está mais escondido porque hoje, existem leis que condenam tal ato” foram comumente ouvidos neste GF. A professora, por exemplo, afirma que “Se escola pública fosse boa, não precisaria dessa lei. Tem que ter um trabalho lá atrás”. E o estudante responde:

Exatamente, tem que ter um trabalho anterior. E enquanto não se “conserta” a educação pública básica, deve sim ter essa lei das cotas para estudantes de escola pública e para índios. Tem uma amiga minha que entrou na universidade pelas cotas e o pai dela é autônomo e tem a renda maior ainda que a do meu pai.³⁶

Na sequência, estudante declara que nunca sofreu nenhum tipo de racismo, embora seja negro. O rapaz conta que na cidade onde mora, Rio Bonito, já presenciou e ouviu situações de amigos que sofreram racismo:

O negro não pode andar na rua sem ser abordado por um policial achando que ele possa ser um usuário de drogas, um traficante. Mas, eu já passei por uma vez só até porque meu pai era conhecido na cidade então eu nunca tive muita repressão. Mas já soube de um colega negro apanhar de policiais porque ele estava andando na rua de madrugada. E eu me identifico mais com esse preconceito, mesmo sabendo que outros preconceitos são fortes na sociedade. E a sociedade tenta camuflar isso, ‘não nós não temos preconceito’, o que é uma grande mentira. Nós temos que tentar tirar esse preconceito, que nunca acabou, apenas se modificou na sua forma de ser mostrado aos cidadãos. As pessoas preconceituosas tinham mais liberdade antigamente de demonstrar seu racismo, e hoje em dia é camuflado.

A tentativa dos brasileiros “esconderem”, “camuflarem” seu racismo, não é a primeira vez que vem à tona. No primeiro Grupo Focal, surgiu rapidamente no debate, mas neste segundo encontro, há forte ensejo sobre a questão, como diz a estudante:

Tem um autor que diz que “É comum hoje nós termos preconceitos e preconceitos”. Apesar de raça ser um conceito já biologicamente não existente, é um conceito que se estruturou socialmente e que está aí hoje e que tem que ser discutido. É presente não há como negar que não existe racismo hoje no Brasil.

³⁶ Trabalhadores autônomos exercem por conta própria atividade econômica com ou sem fins lucrativos e não tem vínculo empregatício. Em outras palavras, esses trabalhadores podem não declarar renda no processo de inscrição na reserva de vagas.

O preconceito e a discriminação são marcas profundas que deixaram na sociedade, na população negra especialmente, conseqüências no plano das leis. Na última Constituição, a Constituição de 1988, reconhece e condena o racismo, punindo-o como crime inafiançável.

Ainda assim, o racismo continuou sendo praticado, mas se deparou com maior força constitucional, através de outras Leis que inscreveram, entre os princípios fundamentais, a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação e a regência por princípios, nas relações internacionais, de repúdio intransigente ao racismo.

No Estado do Rio de Janeiro foi criada a Lei 1814, de 24 de abril de 1991, que estabelece sanções de natureza administrativa aplicáveis a qualquer tipo de discriminação em razão de raça, etnia, cor, crença religiosa ou de ser portador de deficiência. Em São Paulo, foi criada a Delegacia Especializada de Crimes Raciais, destinada especificamente, a depurar as infrações resultantes da discriminação ou preconceito de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional.

Ainda em São Paulo, foi criada a Lei Municipal 11.995, de 16 de janeiro de 1996, que veda qualquer forma de discriminação no acesso aos elevadores de todos os edifícios públicos municipais ou particulares, comerciais, industriais e residenciais multifamiliares, existentes no Município de São Paulo.

Seguindo os passos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, todo esse discurso legalista considera que:

O desprezo e o desrespeito pelos direitos do homem resultaram em atos bárbaros que ultrajam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os homens gozem de liberdade da palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do homem comum.³⁷

E o seu artigo II dispõe que:

Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.

A Lei 9459, de 13 de maio de 1997³⁸, pune, com penas de até cinco anos de reclusão, além das multas, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, de cor, etnia, religião ou procedência nacional. De acordo com Maggie (2006):

³⁷ Projeto de Lei da Câmara dos Deputados 668/88, do Deputado Carlos Alberto CAO, do PDT do Rio de Janeiro (no Senado PLC 52/88), que deu origem à Lei 7716/89, sancionadas, pelo Presidente da República, com vetos (DCN de 5.4.89, p.904).

³⁸ A lei, redigida pelo Deputado Paulo Paim, corrigiu a Lei 7716, de 15 de janeiro de 1989, modificando os artigos 1º e 20, e revogou o artigo 1º da Lei 8081 e a Lei 8882, de 3.6.94.

Agora estes projetos de lei propõem tratar “desigualmente os desiguais”, construindo assim um país legalmente dividido em duas figuras de direito – brancos e negros. O rastilho de pólvora pegou fogo e a sociedade brasileira, compadecida com o drama dos pobres e do racismo, tudo assistiu quase que silenciosa a estas novas propostas que pululavam. Nossa sociedade passou a ser descrita por meio de uma lógica ou modelo estatístico. Essa lógica implica descrever a vida social como se fosse uma tabela estatística. (p. 742)

A discriminação e o preconceito não são temas recentes, como vimos, há inúmeras tentativas, por parte do Estado e dos segmentos sociais, para que estes, o racismo camuflado ou não, se eliminem vez por todas da sociedade. Segundo a estudante participante do GF:

Hoje não temos uma coisa tão escancarada porque hoje é crime. Enfim, não tendo uma coisa tão escancarada, a gente escuta depoimentos como “-Ah, eu fui deixar um currículo em loja de Shopping e eles me pediram uma foto no currículo”, ou seja, se for uma pessoa negra dificilmente vai ser selecionada. É uma forma de racismo.

Neste sentido, o estudante complementa: “E os mesmos vão lhe dizer: ‘Ah, o seu perfil não se encaixa’ em vez de ‘Nós não queremos um homem ou uma mulher negra trabalhando conosco’”.

Ficou evidenciado, que existem leis, medidas e programas que invocam que o racismo é crime, e que estas não foram capazes de eliminar o preconceito racial. O racismo e a discriminação resistem às leis e permanece oculto, como na patroa de Cida, a trabalhadora doméstica, no *Xadrez das Cores*. Grisa (2008) desenvolve um estudo sobre o sistema de cotas da UFRGS, e questiona a validade o conceito de raça. O autor afirma que o conceito é uma 'invenção' que compõe todo o entrelaçado e imanente conjunto das relações sociais brasileiras.

Cientes de que corremos o risco de resumir em demasia a complexidade do tema, queremos propor que o racismo como valor cultural, tem como um dos seus fatores explicativos a sistemática divisão racial do trabalho feita através dos tempos em escala global e, principalmente, na América Latina, no desenvolvimento da sociedade colonial-moderna. O entendimento de que determinadas raças deveriam ser responsáveis por setores de trabalho considerados inferiores construiu verdades históricas que estão muito presentes. Como exemplo, ainda vemos que a maioria das atividades domésticas sem registro e desprovidas de direitos é exercida, no Brasil, por mulheres negras e, nos países de capitalismo avançado, os serviços braçais, pesados, desgastantes são feitos por 'latinos' e imigrantes em geral. O fato de percebermos na colonização a ligação direta entre trabalho não remunerado (escravo) e as raças dominadas (índio e negro) torna simples o entendimento sobre quais são as origens da nossa herança. É claro que estamos aqui tratando do aspecto econômico do domínio pautado no critério de raça, mas, sem dúvida, sabemos que isso se estende às instâncias subjetivas e que esse formato social tinha seus aparatos epistemológicos de justificativa que naturalizavam as relações de exploração. (p.5)

É nesta lógica, que o filme *Xadrez das Cores* está longe de se constituir um palco para mostrar que o racismo existe, mas propõe mostrar um contexto que, como aponta a professora, “pesa na repetição da coisa”, a qual corrobora para que situações, como a que aconteceu na edição da última Bienal do Livro, ocorrida no Rio de Janeiro, aconteçam no cotidiano dos cidadãos brasileiros.

Acabou de acontecer na Bienal. Um representante de uma editora negou dar senhas a duas meninas negras. Está sendo processada agora a Editora e a Bienal, aqui no Rio de Janeiro. Então, manifestações como essas, ‘isso’ acontece todo dia. A idéia do filme é de mostrar a repetição. O preconceito nesse nível acontece sim, mas a manifestação dele hoje está contida em função do politicamente correto.

A ocasião citada pela professora põe à prova o que a sociedade brasileira considera inferior a partir de uma construção verdades históricas, que estão muito presentes. A professora relata como cunho afirmativo, em seu questionário a seguinte frase: A diversidade abala paradigmas e promove mudanças por isso é assustadora. Cida é o retrato do que Grisa e a professora afirmam, sobre quais são as origens da nossa herança. Ressalta-se as conclusões de cada participante:

Estudante (mulher): Eu queria concluir sobre a melhora na escola pública, porque inicialmente as cotas eram medidas paliativas, só que aí passaram prazos. Não tem um certo trabalho.

Funcionário: Tentaram tapar o sol com a peneira.

Estudante (homem): Não vai mudar.

Professora: Não, mudar pode mudar sim.

As falas apresentadas mostraram que, de fato, apesar de o negro brasileiro obter uma “ajuda”, seja por leis ou por políticas inclusivas, ele ressent-se da falta de um trabalho que o prepare para o convívio com culturas diferentes. Os diferentes modos e hábitos de vida dos sujeitos sociais devem ser ampliados para uma visão que avance na incorporação da dimensão cultural aqui apresentada, pois esse entendimento não pode se transformar em uma vantagem e um diferencial competitivo que podem definir o sucesso ou o fracasso de indivíduos, de grupos e de nações no estabelecimento incluir ou excluir estes sujeitos nos cenários socioculturais, políticos e econômicos.

2.3 - Cota racial e cota social

Os homens não são iguais. E tampouco o devem tornar-se!
*Friedrich Nietzsche*³⁹

Entre as diversas questões que os dois Grupos Focais trouxeram à luz dos principais objetivos e dos atravessamentos que o sistema de cotas provoca na sociedade contemporânea, surgiu a necessidade de produzir alternativas à novos encontros. Como o fim do semestre estava próximo e não haveria mais a possibilidade de realizar mais de um Grupos Focais, pensamos em organizar um Grupo Focal com a participação de apenas estudantes da FFP.

Todos os participantes convidados compareceram, mesmo com o receio de que houvessem faltas, o Grupo Focal teve como tema “Cota racial e Cota social”. Escolhemos a imagem que retrata a educação brasileira, com um menino branco e um menino negro sentados numa carteira escolar. O menino branco pensa com uma Lâmpada e o menino negro pensa com um Lampião. Os dois objetos indicam a forma como fazem pensar os alunos do sistema público e privado de ensino.



Figura 14: Educação pública X Educação particular.

Assim, pretendemos abordar, a partir desta imagem, que a classe popular brasileira, independentes da cor, tem acesso o ensino desqualificado do sistema público de ensino. A classe média e alta podem pagar pelas instituições privadas buscando a melhor qualidade no ensino, o que procederá a sua entrada na Universidade Pública. Muitas pessoas acusam a educação básica como principal responsável da existência do sistema de cotas no país.

É importante perceber que para que possamos polemizar o ensino de base de modo a que este pertence o estigma de não preparar todos os “candidatos” a ingressarem na

³⁹ Nietzsche, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 12ª Edição. 2003, p.129.

Universidade, é necessária uma análise mais ampla do modo como a educação no Brasil vem sido organizada.

Rocha (2001) diz que:

Com efeito, por mais que se fale na posição estratégica que a educação deve ocupar nas novas sociedades de conhecimento, por mais que se fale que ela constitui um direito básico e universal dos cidadãos, temos, na realidade, assistido o seu desmantelamento, à diminuição de seus recursos, à submissão de seus valores àqueles das grandes empresas, a proletarianização e a culpabilização da atividade docente, ao empobrecimento de sua qualidade, e a processos de exclusão, marginalização e segregação penetrados pela escola.⁴⁰

A primeira cena⁴¹ escolhida foi retirada do documentário *Olhos Azuis*⁴² em que a americana Jane Elliot, que vive nos Estados Unidos, questiona as diferenças sociais até os dias atuais. Ela mostra vários exemplos de perseguições em uma dinâmica de grupo, a intolerância e a subordinação mental que as pessoas discriminadas são submetidas. A idéia central deste documentário é fazer com que os brancos venham sentir na pele o sofrimento dos negros, provocados pelo preconceito racial. Os participantes de *Olhos Azuis* recebem rótulos, baseados na cor de seus olhos, por um dia, com todos os rótulos negativos contra as mulheres, pessoas negras, homossexuais, pessoas com deficiência física e todas as outras que sejam diferentes fisicamente.

⁴⁰ COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha . Educação, políticas de subjetivação e sociedades de controle. In: MACHADO, Adriana M.; FERNANDES, Ângela; ROCHA, Marisa L. da. (Org.). Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, v. , p. 31.

⁴¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TkLByj7RcZU&feature=related> Acesso em 26 de novembro de 2011.

⁴² A professora e socióloga Jane Elliott, produziu um documentário em 1968 "The Eye of the Storm", em que aplicou um exercício de discriminação em uma sala de aula da terceira série, baseada na cor dos olhos das crianças. Ganhou um Emmy pelo filme. Hoje aposentada, aplica workshops sobre racismo para adultos. Em 1996, produziu "Olhos Azuis", que é o documentário de um desses workshops em que o exercício de discriminação pela cor dos olhos também foi aplicado. O objetivo do exercício é colocar pessoas de olhos azuis na pele de uma pessoa negra por um dia. Para isso, ela rotula essas pessoas, baseando-se apenas na cor dos olhos, com todos rótulos negativos usados contra mulheres, pessoas negras, homossexuais, pessoas com deficiências físicas e todas outras que sejam diferentes fisicamente. Disponível em: <http://docverdade.blogspot.com/2011/11/olhos-azuis-blue-eyed-1996.html> Acesso em 26 de novembro de 2011.

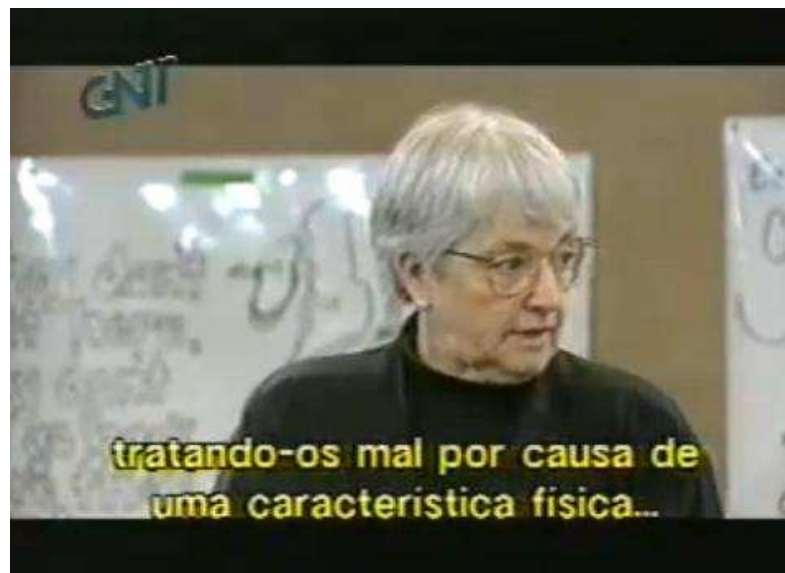


Figura 15: Jane Elliot explica como funciona o Workshop.

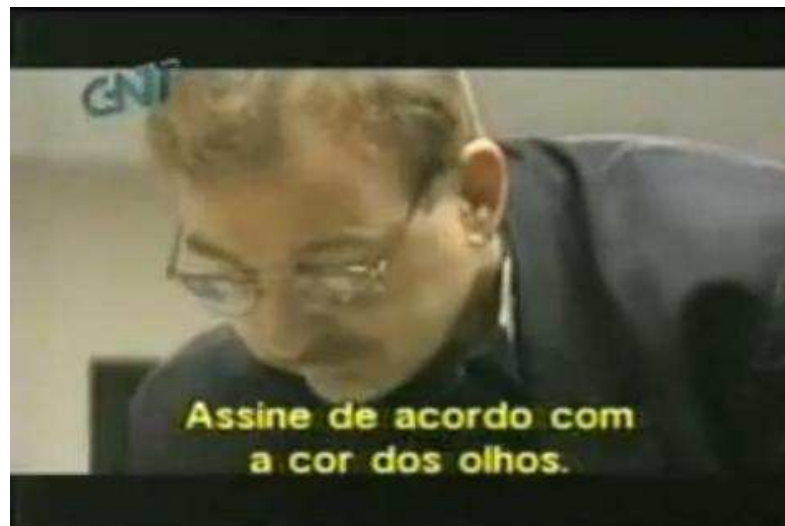


Figura 16: A escolha dos olhos como fator de discriminação.



Figura 17: Jane explica como vão se sentir os participantes.

O segundo trecho que escolhemos foram cenas do filme *Quase Deuses*⁴³, que conta a história do Dr. Alfred Blalock e seu técnico de laboratório Vivien Thomas, quando realizam cirurgias cardíacas usando uma técnica sem precedentes, atuando como equipe, ambos ocupam diferentes condições sociais na cidade. Blalock é um saudável homem branco que comanda o Departamento Cirúrgico do Hospital Johns Hopkins, e Thomas é negro e pobre, um habilidoso carpinteiro. Enquanto os dois desbravam um novo campo na medicina, salvando milhares de vidas, as pressões sociais ameaçam sua parceria e pôr um fim à amizade que nasceu entre eles, por conta da cor de Thomas. O foco deste filme é a narrativa da Segregação Racial nos EUA. Naquela época, os negros eram discriminados, separados como raça inferior, vivendo numa liberdade escravizada, tratados como escória, marginalizados em tudo, onde não podiam freqüentar ambientes destinados à elite branca, até mesmo dentro das instituições públicas.



Figura 18: Thomas e seu parceiro Dr. Alfred.



Figura 19: Thomas é obrigado a entrar pela porta de trás da Instituição.

⁴³ Estamos nos Estados Unidos, em plena década de 30, após a grande depressão americana. Vivien Thomas é negro, sonha em cursar uma faculdade, casar e se tornar médico. Alfred é um médico ambicioso, com certo reconhecimento na profissão, que testa em animais, técnicas para poder fazer a diferença e se sobressair perante os outros pesquisadores da área médica. O primeiro é um jovem carpinteiro e negro que vai trabalhar como ajudante no laboratório do segundo. Disponível em: <http://www.cranik.com/quasedeuses.html> Acesso em 27 de novembro de 2011.

2. 3.1 - Encontro com Estudantes

Iniciado o Grupo Focal e a exibição do material, os participantes preenchem seus questionários. Em seguida, deu-se início a discussão. Abaixo, apresento a tabela com as respostas preenchidas nos questionários.

Imagem	Sentimento	Palavra	Alternativa
Estudante CE.	Falta de responsabilidade	Melhorias já	Cotas sociais e melhora no ensino
Estudante C.	Estranhamento	Surreal	Mergulhar no cotidiano
Estudante B.	Angústia	Mediocridade	Igualar a educação de base
Estudante R.	Decepção	Desigualdade	Melhoria e respeito na educação pública
Estudante F.	Abandono	Diferença	Oportunidade iguais
Estudante G.	Descontentamento	Transgressão	Combate a educação anti-racista

Quadro 7: Respostas dos participantes sobre a imagem Educação pública x particular.

Cena 1 – Olhos azuis	Sentimento	Palavra	Alternativa
Estudante CE.	Desrespeito	Novos Tempos	Mudança no comportamento social
Estudante C.	Dúvida	Conflito	Nem posso imaginar
Estudante B.	Intolerância	Surpreendente	Mudança
Estudante R.	Incômodo	Preconceito	Se colocar no lugar do outro para que seja possível um diálogo que trate os pré-conceitos que a sociedade trás
Estudante F.	Indiferença	Desconhecido	Compreender pelo olhar do outro
Estudante G.	Concordância	Transgressão	Trazer para o debate a discussão racial.

Quadro 8: Respostas dos participantes sobre o filme Olhos Azuis.

Cena 2 – Quase Deuses	Sentimento	Palavra	Alternativa
Estudante CE.	Vontade de crescer, ser o melhor.	Sonhos	A busca do fim do racismo.
Estudante C.	Tristeza	Impotência	-
Estudante B.	Desalento	Inferioridade	Compreensão
Estudante R.	Orgulho	Superação	Mostrar que todos somos iguais, sem diferenças intelectuais devido a cor da pele.
Estudante F.	Indignação	Respeito	Respeito ao próximo
Estudante G.	Raiva/ Aborrecimento	Realidade	Valorização dos diferentes sujeitos, independente de raça e gênero.

Quadro 9: Respostas dos participantes sobre o filme *Quase Deuses*.

Num primeiro momento, o primeiro estudante a dar depoimento é estudante do curso de Geografia da FFP e integrante de um grupo de pesquisa, intitulado NEGRAM (Núcleo do Ensino de Geografia, Relações Raciais e Movimentos Sociais), que trabalha dentro da vertente da Lei 10.639⁴⁴. O estudante considera o filme *Olhos Azuis*, interessante e conta que no Grupo de Pesquisa ao qual participa, são oferecidas Oficinas para discutir ensino e racismo em que é utilizado o filme.

Então ela, Jane Elliot, trás uma discussão de como é que de fato, o preconceito nos EUA é um preconceito racial, é um preconceito, sobretudo de origem diferente do preconceito racial no Brasil, que é de marca. E a gente tem um preconceito de origem que é não só com os negros como com qualquer outro imigrante. Então, é achei interessante porque de certa forma eu concordo com a posição dela, ela na verdade não faz uma discriminação com os brancos, mas ela trás como se fosse um vista minha pele, trás uma reversão dos papéis pra mostrar de que forma é, porque de fato as pessoas não conseguem enxergar que há esse racismo imbricado no senso comum. Meu sentimento é de concordância com esse filme, porque eu acho que é um meio de você começar a ter um debate, uns são mais radicais, outros não. Ela tem uma perspectiva um pouco mais radical, mas mesmo assim, é

⁴⁴ A lei 10639/03 busca fazer um resgate histórico nos currículos escolares, para que se conheça um pouco mais o Brasil e melhor sobre a sua própria história. Desse modo, prevê trabalhar o conhecimento da história e cultura da África a partir do processo de escravidão, bem como conceitos sócio-político-históricos baseados no estudo da mesma como produtora de temáticas diversas: filosofia, medicina, matemática, dentre outras. O documento desta lei está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em 26 de novembro de 2011.

interessante a maneira que ela tem de trabalhar isso, porque se a gente for sempre saudoso, sempre a pão e vinho acho que nunca funciona.

Se considerarmos que o filme inviabiliza outros modos de pensar, assim como o modo de pensar da Jane Elliot entre outros sujeitos, podemos verificar que os discursos que foram produzidos ao longo da história da nossa sociedade são inerentes ao processo como fenômeno de resistência. Como os da estudante C que argumenta que no documentário criam-se situações “estranhas” (advindas de sua palavra estranhamento) pois não se é possível se colocar no lugar do outro.

Ninguém vai conseguir se colocar no lugar do outro, porque você vem de uma história, de uma constituição, que por mais que você pense e seja sensível aquele movimento, você nunca vai conseguir se colocar no lugar do outro, como o negro não vai conseguir se colocar no meu lugar de mulher. ‘Ah eu sofro preconceito porque eu sou mulher’ aí o homem diz assim ‘Não, mas a mulher já conquistou muitas coisas’, ele não vai conseguir se colocar no lugar da mulher. E a mulher não vai conseguir se colocar no lugar do homem. E assim por diante. Então, se colocar no lugar do outro para dizer como que é, como que é viver sendo negro é impossível.

O estudante F. complementa a fala da C. pensando que as pessoas, participantes do Workshop em *Olhos Azuis*, demonstraram indiferença àquela situação. “Foi como C. falou, eles nunca vão saber o que é estar na pele do negro.”. E ainda diz que:

Isso tudo tem que ser repensado. Por exemplo, existem Movimentos Sociais que são afirmativos, para quê? Para fortalecer uma política social melhor. Porque se a gente quer pensar nas diferenças, a gente vai criar diferença pra tudo, vai criar particularidade para todo mundo. Então, acho que a gente tem que procurar uma forma de atribuir as coisas a um coletivo e criando uma questão coletiva, acho que a gente consegue abarcar as diferenças.

O estudante CE trata a situação do racismo nos EUA e retratado, pouco, no *Olhos Azuis*, como desrespeito.

Os EUA, que é uma grande potência social, econômica, tem os maiores casos de racismo, principalmente os piores casos. Uma palavra são os novos tempos, os fatos mudaram. A conquista do Obama à presidência do país mostra isso. Mostra que o cidadão negro chegou a uma grande potência. E que o cidadão negro pode sim, começando por baixo, seja lá qual for seu Estado, seu país, pode chegar. Uma alternativa é a mudança de atitude da sociedade, não tem que existir um comportamento antigo, um comportamento dos antepassados, com preconceito, onde o negro só serve pra trabalhos pesados, trabalhos baixos.

Segundo Franco (2006) é comum associar a origem das ações afirmativas aos Estados Unidos, porém essa política não se delimita apenas aos países ocidentais. A partir da década de 70, advinda de pressões do movimento estudantil e a opinião pública, foram promovidos

levantamento de verbas para a criação de bolsas de estudos nas Universidades norte-americanas para alunos negros.

Portanto, os EUA rompem com o racismo “ilegal” na transição dos anos 60 a 70. Ou seja, lá a discriminação racial era fundamentada legalmente até década de 1960, quando o movimento pelos direitos civis, liderado por figuras como o pastor Martin Luther King, conseguiu que o racismo fosse pelo menos legalmente desmontado.⁴⁵

Portanto, a política da reserva de vagas no Brasil alinha-se a uma esfera mundial. Com efeito, o estudante G. aborda:

Então as cotas são mais do que somente essa política que é colocada de fato. Como a gente está trabalhando com cota racial, ela não deixa de abarcar uma possibilidade de grupos que são grupos que já tiveram processos de escolarização muito mais fragilizados. Passa-se por um processo de pessoas mais pobres em relação ao poder aquisitivo, e a cota racial abarca isto. Outra coisa, as cotas não são “uma coisa” que foi deliberada e começou a se praticar, isso foi uma conquista, (...) é uma conquista para que você possa ter uma construção de uma posição anti-racista. É importante ressaltar por que às vezes parte da perspectiva das pessoas que as cotas surgiram porque pensamos ‘ah vamos pensar algo melhor para os negros e para os pobres’, e não é dessa forma. Então penso que a cota, ela é um meio sim, tem que ser revisto todos os pontos, a gente tem que estar sempre num diálogo crítico.

Não é muito difícil encontrar nenhum saudosismo na fala dos participantes quando se fala em políticas e programas em relação ao ingresso na Universidade. De certa forma, o PROUNI surge mais uma vez nas possibilidades e interesses dos participantes. G. afirma que é contra este sistema:

Porque eu acho que deveria ter muito mais cotas do que vagas no PROUNI, sendo assim você pode fazer uma discussão voltada para uma educação particular e não uma educação pública. Você já trás um outro discurso. Então, acho que deveriam aumentar o número de cotas para que se possa superar isso, porque a gente nunca vai começar (a reparação) da educação de base pra uma educação superior, como a nossa educação é totalmente verticalizada, a gente tem que trazer essa discussão de cima pra baixo, infelizmente. Não é no processo somente horizontal, então, a cota na educação superior, ela é válida, eu acho que é legítima, defendo.

Na mesma lógica, a estudante B. declara:

Assim como eu sou contra o PROUNI, acho que o que deveria ser feito, em vez de pegar o dinheiro que a gente paga de impostos que deveriam ser investidos em educação, para o seu filho ter uma educação de qualidade, no ensino publico, é investido no bolso dos homens que são podres de ricos, que são os donos das universidades particulares. A gente vê que a cada dia que passa, tem mais gente passando no PROUNI do que passando no vestibular da UERJ. Vai chegar um momento que a universidade publica vai deixar de existir.

⁴⁵ Disponível em:

http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil_cap11.pdf Acesso em 28 de novembro de 2011.

2.3.2 - Resultados ampliados

Várias foram as questões que se constituíram neste Grupo Focal. Posso considerar que uma delas é acerca do filme *Quase Deuses*, que de fato, foi o que expressou maior sensação de criar alternativas para que se modifiquem os impasses que a sociedade vive hoje. A estudante C diz que não consegue se imaginar vivendo numa sociedade como essa, numa época em que:

Negros não podiam andar no ônibus, não podiam entrar pela porta da frente, então se eu não consigo me imaginar vivendo numa sociedade dessas, em que eu não posso andar junto no ônibus, que eu não posso sentar, não posso conversar com um amigo, ou namorar e ser de uma família ou estudar junto com um negro. Eu não me imagino vivendo numa sociedade dessas. E como eu disse antes, que eu não consigo me colocar no lugar do outro, eu não consigo imaginar como foi isso.

A estudante reflete sobre a situação do protagonista negro, Thomas, que no fim do filme, não cursa medicina.

No final do filme, eu fico com sentimento de tristeza, porque “ele não conseguiu cursar medicina, mas ele terminou com um quadro lá e uma homenagem da Faculdade” para ele. **E daí?** Ele não conseguiu cursar medicina, ele sofreu muito, “aquilo ali” não paga o que ele passou aqueles anos todos. **E daí aquele quadro ali?** Até que ponto a gente não está fazendo isso... o tempo inteiro. Eu acho o debate de cotas muito interessante, não sou contra, sou a favor. Acho que tem que ter mesmo, acho que o debate é muito mais profundo. Parte para a educação, mesmo, de base, num todo, como estamos educando, que educação é essa, que escola é essa, que escola pública é essa que estamos colocando nossos filhos, se estamos colocando nossos filhos nesse tipo de educação. (Grifos meus)

O estudante F. responde a fala da participante, julgando justamente que a sociedade contemporânea sofre uma espécie de dissimulação às questões raciais.

Quando você falou que não conseguiria viver numa sociedade onde tem essa dicotomia, onde o negro tem o seu lugar. A gente continua vivendo, só que de uma forma mais subjetiva. Não é questão de ‘ah não conseguiria viver nessa sociedade’, porque a gente consegue viver, a gente vive, só que a gente não enxerga. “A gente não tem”, é questão de visualizar. Isso ainda acontece, o preconceito ainda é grande.

Nesta perspectiva, o estudante R. complementa.

Com relação aos filmes, o sentimento que me deu foi desalento, é o que o F. disse com relação à questão de nós convivemos com esse tipo de preconceito, antes era uma coisa mais visível, ressoava mais, hoje está tudo muito imbricado. Hoje você não consegue separar uma coisa da outra coisa, está muito no senso comum da sociedade. E esse desalento que encontramos

da cena de *Quase Deuses*, para a situação de agora é que “as coisas” estão mais misturadas. Você não tem aquela limitação. E quando chegaram as cotas em 2004, 2003, ficou bem claro, o relevo ficou bem maior. O relevo ficou bem maior, está maior.

Entre as avaliações dos participantes sobre a imagem dos meninos branco e negro nas escolas privada e pública, respectivamente, tivemos os seguintes relatos. A estudante C. escolheu o sentimento de estranhamento e a palavra surreal, justificando que para ela, não há possibilidade de se colocar no lugar do negro.

Não adianta você falar assim, ah você tem que se colocar no lugar do outro, isso é impossível. (...) Eu discuto e penso a questão dessa separação, que fez dessa contradição de escola pública e escola privada, como a escola pública é a escola do negro e a escola privada é a escola do branco, eu perguntaria que escola particular é essa, porque na nossa realidade, no nosso cotidiano e principalmente de São Gonçalo, contextualizando agora a FFP, se formos pegar o entorno daqui, as escolas particulares não são de nível social elevado. Então assim, é uma escola particular, mas é uma escola que tem muitos negros. O bairro onde eu moro, Jardim Alcântara, e tem apenas uma escola pública de Ensino Fundamental e não tem nenhuma escola de Educação Infantil. E tem várias escolas particulares de Educação Infantil e essas crianças que estão nessa escola particular são crianças muito pobres. Essa dicotomia, ou é particular ou é público, ou é branco ou é negro, precisa ser contextualizada. Não necessariamente, a escola particular é escola de branco, e não necessariamente a escola pública é escola de negros.

O estudante F. contribui à fala da colega, resumindo na frase “É uma estética criada”. Bhabha disserta que a “fixidez” e ordem imutável regem a construção ideológica das identidades.

Do mesmo modo, o estereótipo, que é a sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... Como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provados jamais no discurso.⁴⁶

Vale ressaltar e assumir esta realidade na educação brasileira, a educação pública para negros e pobres e a educação privada para brancos e ricos. Segundo Bhabha (2004) o estereótipo garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes, embasa suas estratégias de individuação e marginalização ao produzir aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente.⁴⁷

E aqui vale uma consideração importante. Ninguém disse aos participantes que aquela imagem retratava a realidade. Isso quer dizer que os participantes pensaram de acordo com

⁴⁶ BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 105.

seus princípios. Não mostramos pesquisas e nem textos que comprovassem o fato. A verdade probabilística, de Bhabha, se interiorizou nos participantes.

A intensificação desta discussão seguiu com a estudante C. declarando que esta é uma situação que parece uma ideologia. “Eu estou comprando alguma coisa, uma “pilulazinha” e estou tomando” diz a estudante.

Sob este aspecto, o estudante F. declara:

A dicotomia nas escolas ela existe em parte, porque essa dicotomia não é só racial, é mais social, no meu ponto de vista. Porque, a cidade está territorializada. Então a gente está numa área onde o “núcleo mais favorecido”, vai frequentar escolas onde, por exemplo, em Niterói que é uma cidade com poder aquisitivo maior. E dentre esses, a minoria branca. Eu sou professor de um Pré-Vestibular que fica no Clube Português em Niterói, e a gente vê que a maioria dos estudantes é branca, e apenas dois rapazes são negros. Você vê essa diferença, é notável. Porém, existe. Não existe escola pra brancos e escola pra negros, concordo com você C. Esta é uma estética que foi criada.

Acerca desta questão, B. e F. contribuem, respectivamente:

Eu estudei minha vida inteira em escola particular, mas a realidade que eu conheço de escola pública foi por causa do estágio na faculdade e depoimentos das minhas tias professoras do Estado, da UFF, em Secretaria de educação do Estado. Eu não posso dizer “o ensino é péssimo”. Eu sei que o ensino é péssimo devido a depoimentos das minhas tias e de pessoas que estudaram em colégio público.

Com relação ao que a gente tava vendo, na cena eu vi a questão do abandono. Eu olhei pros dois meninos, mas pra mim aqueles dois vivem em contextos diferentes, porém a gente vai entrar nesse debate, escola para branco, escola para negro, que é uma coisa que para mim não existe. Mas que é criado para uma estética midiática.

Um argumento recorrente é o que diz ser necessário a busca de novos eixos para a situação escola pública *versus* escola privada. Três exemplos:

Com relação à imagem, do aluno negro e do aluno branco, eu coloquei o sentimento ‘falta de responsabilidade’ porque eu penso que esta questão, é uma mazela deixada pelos anteriores, essa deixa que os antepassados concederam a nós e que hoje está tentando ser recuperada, não vai ser recuperada da noite para o dia. O aluno negro hoje tem a oportunidade de chegar aos grandes cargos e isso pode ser visto. Uma palavra que eu coloquei é melhoria, melhorias com projetos sociais, com escolas técnicas, melhorias com ataque direto nessas mazelas deixadas. A alternativa que eu coloquei foi ‘cotas sociais e a melhoria do ensino’⁶, formação de professores qualificados, a formação de qualidade, os professores terem materiais didáticos, e com os alunos dentro de sala usufruindo de um material físico decente, com salas melhores e equipadas em ótima qualidade. (CE.)

⁴⁷ Ibidem, p. 106.

A escola particular existe acho que pela ignorância das pessoas. Pras pessoas não entenderem que elas tem que cobrar ao governo uma escola com investimento, infra-estrutura e tudo mais. Porém, a gente vê que as pessoas tem que ter essa compreensão, a discussão e esse debate tem que ser mais ampliado, tem que ser mais bem colocado. (F.)

Bom, o que o F. disse, ressoou muito para mim, com relação a uma educação de base, especificamente o caso do Brasil, não temos uma educação de base firme, não temos uma educação de base que condicione esse aluno a superar determinadas funções dentro da sociedade. Independente de ser negro, branco e aí entra sim a questão social. (...) A educação que não é de qualidade, não é de inclusão social, então eu não vejo o motivos de não existirem e de ser contra as cotas. (R.)

Mas a responsabilização do Estado é constante, no sentido de que este é o principal responsável pela baixa qualidade da educação em nosso país. No Ideb⁴⁸ do ano de 2010, o Rio de Janeiro teve 4,7 como nota em relação a 4,2 na nota da Meta Nacional. Segundo o Índice, houve uma evolução no Estado, que em 2005 alcançou 4,3 e em 2007 alcançou 4,4.

A educação enquanto exercício político que imprime direção às relações entre os homens, as relações sociais, torna-se crucial nesta articulação. O sistema de cotas é julgado como a recompensa de 500 anos de dívida com os negros⁴⁹, mas por outro lado a educação, de baixa qualidade e que forma negativamente os sujeitos, é responsabilizada pela existência desta política. A política de ação de afirmativa teria, assim, em parte este caráter. Segundo o estudante G., a imagem:

Traz um descontentamento, traz uma negligência com a educação, que a gente vê, e é aquela educação que é tida para o pobre e a educação para o rico, e ali ficou bem claro dentro do sistema binário, especificação da educação do branco e do negro. E aí quando eu falo negro, me refiro a negros e pardos. É interessante essa discussão porque a pessoa que é negra, que é pobre que trás todas essas características, vai ter uma educação muito mais fragilizada, porque quando chega, por exemplo, num **vestibular não vai ter a mesma forma**, e por mais que este aluno estude, ele tem que recorrer a outros meios então. (Grifos meus)

2.3.3 - Cota Racial e Cota Social

Os mecanismos de eliminação que atuam na atual trajetória escolar dos estudantes

⁴⁸ O Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é a "nota" do ensino básico no país. Numa escala que vai de 0 a 10, o MEC (Ministério da Educação) fixou a média 6, como objetivo para o país a ser alcançado até 2021. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar (ou seja, com informações enviadas pelas escolas e redes), e médias de desempenho nas avaliações do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o Saeb – para os Estados e o Distrito Federal, e a Prova Brasil – para os municípios. O índice é divulgado a cada dois anos. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/07/01/entenda-o-que-e-o-ideb.jhtm> Acesso em 29 de novembro de 2011.

⁴⁹ PALMARES, Gilberto. Deputado Estadual/ PT. Jornal O Dia. As cotas e o mérito. Editoria: Opinião. 30 de agosto de 2004. In: FRANCO, M. Espectros na Mídia: Políticas afirmativas ou políticas de piedade? O sofrimento do outro no contexto do “último homem”. Op. cit, p. 188.

negros vão projetar uma expressão, mais clara, ao que concerne os efeitos do sistema educacional. É neste contexto, que o Estado vê a necessidade de formular políticas públicas voltadas ao acesso das minorias e segmentos tradicionalmente excluídos do sistema educacional público, ao ensino superior.

Portanto, é dever do Estado prover com ações reparadoras ou compensatórias. A política de cotas entrou em vigor em todo o Brasil ao mesmo tempo e de forma homogênea, havendo o limite do ano de 2015 para que todas as universidades públicas implantassem uma política de reserva de vagas no acesso ao vestibular.⁵⁰

Hoje, quase completando seus dez anos de existência, a reserva de vagas foi admitida por diversas outras universidades, diante de suas realidades foram adaptadas ao melhor modelo de reserva ou bônus no vestibular. Sejam elas, cotas raciais ou sociais, estas parecem atacar pelo lado mais frágil. Fry (2002) corrobora em observar as dificuldades enfrentadas pelos projetos de lei que propunham cotas para negros nas universidades e no funcionalismo público.

Sem querermos entrar numa discussão sobre a distribuição de cinismo no Brasil, parece claro que o cidadão brasileiro, pelo menos perante às universidades e à função pública, não poderá mais se identificar com o Macunaíma do modernismo brasileiro; agora ele terá que pertencer a uma "raça" ou a outra. (p. 68)

Um argumento recorrente entre os participantes é se os mesmos se reúnem favoráveis ou desfavoráveis à política.

R: Com relação às cotas, eu sempre mantive um posicionamento contra. Eu achava que não havia motivos para se ter uma política de ação afirmativa que insere o aluno negro na universidade. Achava que eliminava. Agora, eu tenho uma percepção diferente, não são apenas razões históricas, não é apenas uma seleção racial, não é apenas falar e ter “essas coisas das minorias” do tipo “-Ah estamos aqui pra afirmar que estamos aqui, e temos capacidade”. Vejo a cota de forma, não tendo aquela questão da inclusão pela exclusão, mas que realmente possa ser uma política pública de ação afirmativa eficaz, que não é apenas uma relação “negro”, mas social. Por exemplo, eu sou um aluno de escola pública e eu não me acho no direito de ter a cota. Claro que sim, e pensar “-Não tive uma educação de base que me qualificasse e aí a gente vai seguir pelos meios legais, que eu possa seguir uma carreira universitária, uma carreira melhor”.

B: Assim como R., quando eu ingressei a universidade, era contra as cotas e achava que este processo aumentava ainda mais o preconceito na sociedade. Hoje, eu continuo achando que de certa forma ela continua causando “um certo” preconceito, porque por mais que essa não seja a intenção, quando a

⁵⁰ GOUVEA, V. Territórios de Exclusão e Inclusão: uma análise geopolítica das escolas públicas e privadas dos estudantes ingressos no sistema de reserva de vagas da UERJ no período de 2003 a 2009. Op. Cit, p. 12.

gente chega nos corredores da faculdade não é bem isso que acontece. A gente vê aluno que é cotista ouvir “-Ah mas você tem que dar valor porque você é cotista” ou “-Você só está aqui porque você é negro”. Então, são esses tipos de discursos que eu ouço. Eu conheço pessoas que são cotistas e bolsistas que falam pra mim “-A minha professora pega no meu pé porque eu sou cotista, negro”. De certa forma, aumenta ainda mais o preconceito, aumenta ainda mais o preconceito que já está impregnado.

A fala acima de B. me projetou o que significa, de fato, conviver entre aqueles (cotistas), cuja própria presença é "vigiada", no sentido de controle social e ignorada, na recusa psíquica, e ao mesmo tempo sobredeterminada, projetada psiquicamente, tornada estereotípica e sintomática.⁵¹ O que Bhabha chama a atenção, para a compreensão da identidade negra, é que eles *não são apenas negros*, mas membros dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos. Os estudantes cotistas ocupam o lugar de cotistas dentro da UERJ, bem como postos desafiadores na sociedade.

Um outro exemplo é a burocracia que é imposta ao candidato, para que ele prove sua inscrição pela reserva de vagas no vestibular, como conta G.

A cota racial, ela não deixa de ser cota social, também. Eu sou cotista, negro, e quando você se inscreve por cotas você tem que provar sua condição financeira. Então você tem que ir lá provar que você recebe 960 reais. A partir daí, você tem que levantar uma papelada, é uma burocracia, que muitas pessoas, da minha turma, por exemplo, desistem. Um amigo meu, por exemplo, ele queria tentar ingressar à UERJ pelas cotas, ele poderia, mas ele não conseguiu levantar todos esses documentos porque já se tornaram um impedimento.

Fry (2002) diz que um sistema de cotas implica logicamente a criação de duas categorias "raciais": os que têm direito e os que não têm. Segundo Maggie (2005), o que fica claro aos olhos de qualquer observador mais atento ao que se passa no mundo, é que as cotas raciais vieram para refazer o nosso sistema de classificação racial. A autora diz:

Mas o processo de implantação da reserva de vagas para negros nas universidades públicas culminou com o que foi instituído na UnB, colocando a nu aquilo que antes estava como oculto no mar de boas intenções que acompanha qualquer política pública cujo objetivo é diminuir iniquidades. (...) Afinal, não era esse mesmo o objetivo dessa política? Construir uma classificação racial menos "ambígua"?⁵²

O fragmento do pensamento de Maggie, acima, vai de encontro ao raciocínio de F.

Na minha opinião, a cota racial, enquanto medida reparadora, ela pra mim, ela é infundada. Enquanto você faz a reparação para algum tipo de raça, para

⁵¹ BHABHA, H. O local da cultura. Op. cit, p. 327.

⁵² MAGGIE, Yvonne. Políticas de cotas e o vestibular da UnB ou a marca que cria sociedades divididas. Horiz. antropol. v.11 n.23 Porto Alegre jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100029&lng=pt&nrm=iso Acesso em 30 de novembro de 2011.

uma etnia diferente, você vai ter que reparar muita gente, porque muitas pessoas sofreram vários processos, de exclusão de várias formas. Inclusive, tem pessoas que são excluídas dessas inclusões. Então, você vai incluir, incluir e incluir e no final vai ter sempre alguém que vai estar excluído, **porque todo mundo é diferente em tudo**. E não tem uma pauta que você possa seguir pra poder dizer “-Ah vamos formatar todo mundo”. (Grifos meus)

Evidentemente, surgiram falas, como a do estudante G., que expressou o sentimento de que as cotas contrariam o a - racismo⁵³ que associam ao Brasil.

E dizer que a cota não trás somente um ponto de vista, muitas pessoas dizem “-Ah, mas a cota racial é racista porque ela vai trazer essa discussão do negro”. Se a gente fizer uma relação ao processo histórico aos processos que hoje, toda essa discussão racial, ela é posta inclusive em materiais didáticos e em meios de reprodução pra que a gente possa ter essa educação racista que é, a gente vai poder fazer uma análise e ver o porquê do fomento dessas cotas, que é na verdade uma conquista e não somente uma deliberação de um congresso ou conselho.

A questão da assistência estudantil aos cotistas é um assunto regularmente levantado pelos participantes:

B: Acho que a cota social é bem vinda, mas eu entendo que se há momentos na vida acadêmica que eu, por exemplo, que não recebo a bolsa social, não tenho condições de vir à faculdade. Acho que para as pessoas que tem menos do que eu, fica mais difícil ainda. Acho que o valor que é dado à bolsa dos cotistas, não serve nem para o cara vir 15 dias para a faculdade. Acho uma miséria, ninguém consegue sobreviver com aquilo, tem dias que gastamos 15 reais só com textos, por exemplo. É surreal um cotista viver só com a bolsa. A cota racial, eu sou a favor, mas acho que assim como esses projetos como Bolsa família, Bolsa escola, vão ser bons até certo ponto. **Depois não vão servir para mais nada**. (Grifos meus)

CE: Eu penso que o fato da pessoa ser negra, branco, amarela, ela não pode ser rebaixada em nada. A cor não deve ser critério para rebaixar alguém. Acho que as cotas sociais são corretíssimas, porque nem todo mundo que é pobre é negro. E a cota social é consequência da mazela deixada pelo passado. Vimos que pessoas que são humildes que são pobres que estudaram em escola pública podem entrar na universidade podem chegar a grandes cargos. (...) Tanto a UERJ, como outras universidades em que existem cotas, tem seus problemas. Como problemas com Xérox, com gastos internos à universidade, são gastos que o governo devia bancar, e são gastos inviáveis.

A Universidade disponibiliza todo o semestre uma verba para compra de materiais. Na FFP são distribuídos aos cotistas, livros (escolhidos de acordo com o curso do estudante), uma

⁵³ Conceito utilizado por Fry e Maggie (2004), em A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. Os autores consideram a-racismo como abraçar o racismo, por exemplo causas que abraçam o racismo. “A Constituição de 1988 reconhece e condena o racismo, punindo-o como crime inafiançável. Nesse sentido, mantém a longa tradição formal republicana brasileira do a-racismo e do anti-racismo. Para a Conferência de Durban, a delegação oficial brasileira encaminhou uma proposta que rompeu com esta tradição, propondo “ações afirmativas” em favor da “população afro-descendente”, entre elas o reconhecimento oficial da legitimidade de reparações para com a escravidão e cotas para negros nas universidades públicas.”

mochila (rosa para as mulheres e azul para os homens) e um *pen drive*. Acerca desta polêmica, F. argumenta que “pior” do que essa questão do material, é o caso do próprio bolsista não fazer escolha alguma desse material. O cotista se depara com a impossibilidade de pronunciar sua especificidade e necessidade. G. interrompendo a fala do colega e declara que é cotista e nunca recebeu seu material, assim como outros cotistas amigos do estudante.

A opinião destes participantes do último Grupo Focal é familiar entre si. Como são estudantes de uma Faculdade de Formação de Professores, seus discursos equiparam-se em defesa da Educação como principal indicador da existência da política de cotas. Nas palavras de F.

Eu acho que a cota social é positiva, porque ela abarca uma diferença maior. Ela encontra a necessidade do problema exatamente. No meu ponto de vista, a pessoa tem oportunidade de estar numa escola que pode dar a ela um suporte melhor. É porque a escola pública deveria ceder desde a base, uma escola de qualidade para poder fazer com que o cidadão fosse formado, e tivesse o direito integral de ingressar e permanecer na universidade. (...) Porque se a gente quer pensar nas diferenças, a gente vai criar diferença pra tudo, vai criar particularidade para todo mundo. Então, acho que a gente tem que procurar uma forma de atribuir as coisas a um coletivo e criando uma questão coletiva, acho que a gente consegue abarcar as diferenças.

A participante C. argumenta que não basta continuar com uma política afirmativa dirigida apenas para incluir os menos favorecidos.

Este debate, sobre as cotas e relações raciais, tem que ir lá pra baixo, começar da Educação Infantil e assim, acho que a cota hoje está suprimindo... É um pronto socorro, é um pronto socorro. Mas eu acho que a resposta estaria lá no medico de família, se é que vocês entenderam minha colocação. Eu acho que é o debate do “antes”, o que a gente vai fazer até chegar lá, é importante, mas não é a única discussão. Eu acho que a discussão tem que ser mais ampla.

A análise dos discursos presentes nos Grupos Focais, bem como a experiência de me graduar na UERJ, demonstrou que o contexto atual vem exigindo mudanças significativas no emprego de políticas reparatórias. Isso requer uma reflexão educacional mais contundente sobre o preparo de estudantes na educação de base nos quais conhecer, valorizar, respeitar e aceitar a herança cultural do povo é indispensável. Os discursos circulantes dos participantes dirigem-se à reflexão da contribuição da educação multicultural e da educação anti-racista para realizar um trabalho comprometido com a transformação da cultura na contemporaneidade.

Considerações Finais

O atravessamento da política em nossas vidas, a forma como os grupos e as forças constituintes da realidade social se articulam, se alternam, delineiam a história, fio a fio, parecem deixar “nós” impossíveis de desatar.
*Monique Franco*⁵⁴

Este estudo buscou evidenciar por meio de Grupos Focais as possíveis leituras, vínculos, tensões e conflitos que as cotas geraram, em seus 9 anos de efetivação, nos sujeitos que se apresentam como ‘vivos’ nas Universidades Públicas. Algumas discussões permaneceram na esfera do contra ou a favor, enquanto outras discussões contaram com aparatos teóricos que vêm em defesa ou extinção de tais políticas e/ou suas reformulações.

A escolha desta análise, por meio dos Grupos Focais, também é fundamentada na ideia de captar percursos e impactos causados na sociedade, visto pelo olhar de quem lida ou usufrui, em outras instâncias, mais de perto com o sistema de cotas.

Ao tentar descortinar os julgamentos e sentimentos da comunidade acadêmica da FFP, me deparei com percalços que dificultaram este processo, o que antes se mostrou fácil, à medida que estou inserida neste meio, como estudante de graduação desta Universidade.

A experiência com os Grupos Focais apontou novos caminhos. Lidar com discursos diferenciados deu lugar a teorias inimagináveis. Embora presentes no cotidiano da Universidade, a implantação do sistema de cotas e seus atravessamentos, não são temas de conversas e debates, não parecem interessar quem convive com esta política inclusiva. O que não significa que o tema nunca tenha sido colocado em cena. A realidade está posta! Na verdade, há casos importantes que animam esta comunidade acadêmica, como políticas de assistência estudantil como Restaurante Universitário, Dedicação Exclusiva dos docentes, Creche Universitária, ENADE entre outras demandas do Movimento Estudantil, que além, vantajosamente, os olhares na FFP.

Enfrentar algo que não está posto, ou que foi silenciado, naturalizado, é consentir um percurso com novas marcas e novos registros. Foi preciso sair dos discursos prontos, que os embasamentos teóricos e seus autores me ofereciam.

As cotas criam diversos impactos no percurso de professores, estudantes, cotistas ou não, e funcionários e fica evidente que estes são diferenciados e inumeráveis. Este trabalho monográfico pôde identificar alguns sinalizadores, apenas.

Pesquisas demonstram que apenas 4% dos pretos e pardos têm ensino superior completo enquanto nos brancos esse número é mais que o dobro, 13,4%⁵⁵. De fato, muitos

⁵⁴ FRANCO, M. Espectros na Mídia: Políticas afirmativas ou políticas de piedade? O sofrimento do outro no contexto do “último homem”. Op. cit, p. 265.

segmentos sociais que ainda se localizam às margens, do que se considera ideal, recebem as contribuições de políticas compensatórias. Há evidências de que processos discriminatórios atuam nos sistemas de ensino, afrontando crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, levando-os à evasão e ao fracasso, implicando no limitado número de negros que chegam ao ensino superior, cerca de 10% da população universitária do país.

Nessa direção, a política de ação afirmativa tem papel fundamental colocar o futuro do país, mais uma vez, como questão para debate sobre a urgência de tratar as desigualdades econômicas, sociais e culturais. Enfim, o trabalho aqui apresentado incorpora tecidos iniciais e requer ampliar novas questões em futuros trabalhos.

A dimensão multifacetada que as cotas adquiriram hoje levou a UERJ a enfocar esta discussão na sua prática pedagógica, o que já sinaliza para a necessidade de articular-se a outros atores, buscando ultrapassar uma visão estreita do que pretende esta política, para entendê-la e estendê-la com maior escopo e abrangência, englobando, especialmente, as classes populares excluídas do processo de escolarização.

O estudo das cotas na UERJ, por meio dos Grupos Focais, analisou os discursos que permeiam as práticas curriculares e pedagógicas desse Estabelecimento de Ensino. Essa dinâmica mostrou o entendimento de que a FFP tem da dimensão cultural no sistema de cotas, o que corroborou nossa percepção inicial de que esse preparo possui enfoque inclusivo mas que conta com práticas excludentes. Esse estudo mostrou, também, que a criação desta política embora sensível à questão cultural, caminha na direção de uma prática multicultural ainda embrionária, focando tão somente no desenvolvimento de atitudes de valorização, respeito e aceitação de diferentes hábitos e costumes, no âmbito das relações interpessoais.

Em extensão, promover o desenvolvimento e a inclusão institucional, em especial dos estabelecimentos de ensino, significa um comprometimento não simplesmente com os estudantes, mas com as sociedades. Somos todos atores de um contexto bem mais abrangente do que aquele no qual atuamos diariamente. A consciência de que estamos inseridos nesse macro-sistema nos leva a compreender a relevância de estarmos engajados com a construção de alternativas, adotando atitudes multiculturalmente comprometidas com a pluralidade cultural e que visem ao bem-estar coletivo em detrimento de atitudes etnocêntricas, estereotipadas e preconceituosas.

⁵⁵ Fonte: IBGE “Em 1997, 9,6% dos brancos e 2,2% dos pretos e pardos tinham nível superior completo no país; em 2007, esses percentuais eram, respectivamente, de 13,4% e 4,0%. Ou seja, o hiato entre os dois grupos, que era de 7,4 pontos percentuais em 1997, passou para 9,4 em 2007”. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1 Acesso em 15 de novembro de 2011

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S.; BORDINI, E. Reincidência e reincidentes penitenciários em São Paulo, de 1974-1985. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 3. n. 9, p. 70-94, 1989.
- ALZAGA, B. R. Grupos de discusión: de la investigación social a la investigación reflexiva. In: GALINDO, J. (Coord.) *Técnicas de investigación em sociedad, cultura y comunidad*. México: Addison Wesley Longman, 1998.
- ARENDT, H. A condição humana. In: ARENDT, H. *As Origens do Totalitarismo*, trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro, 1979. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BION, W. R. Experiência com grupos: os fundamentos de psicoterapia de grupos. Tradução de Walfredo Ismael de Oliveira. São Paulo: Imago, 1975.
- BOURDIEU, P. Os excluídos do interior. IN: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998b, p.217 – 227.
- BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família e escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 171-183.
- BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/> Acesso em 15 de novembro de 2011.
- CANALES, M.; PEINADO, A. Grupos de discusión. In: DELGADO, J.M.; GUTIERRES, J. *Métodos e técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales*. Madrid: Suintens, 1995.
- CARVALHO, J. J. de; SEGATO, R. Cotas para estudantes negros no Brasil. Fórum de Antropologia do/no Brasil. Disponível em: <http://listhost.uchicago.edu/mailman/listinfo/ant-br> Acesso em 26 de outubro de 2011.
- CASTEL, R. A discriminação negativa. Cidadãos ou autóctones? Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHIESA, A.; CIAMPONE, M.H.T. Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupo focais. In: Associação Brasileira de Enfermagem: A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva (Série didática: Enfermagem no SUS)– CIPESC. Brasília: ABEN, 1999.
- COSTA, S. de S. G. Educação, políticas de subjetivação e sociedades de controle. In: MACHADO, A. M.; FERNANDES, A.; ROCHA, M.L. da. (Org.). *Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 15-36.
- DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. *Revista Educação/PUC-Rio*, n. 49, 1999, p. 1-18.

DEBUS, Ma. (Org.) Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales. Pennsylvania: University of Pennsylvania/ Applied Communication Technology, Nedham Porter Novelli, 1988.

FRANCO, M. Espectros na Mídia: Políticas afirmativas ou políticas de piedade? O sofrimento do outro no contexto do “último homem”. Tese de Doutorado - Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FREYRE, G. Casa Grande e Senzala: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. 43ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001.

FRY, P.; MAGGIE, Y. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. IN: Enfoques (Revista Eletrônica), Rio de Janeiro, vol. 1, nº 1, 2002, pp. 93-117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a08v1850.pdf>> Acesso em 26 de outubro de 2011.

GOUVEA, V. Territórios de Exclusão e Inclusão: uma análise geopolítica das escolas públicas e privadas dos estudantes ingressos no sistema de reserva de vagas da UERJ no período de 2003 a 2009. 2010. Trabalho de conclusão de curso em Geografia. São Gonçalo: UERJ, 2010.

GRISA, G. D. Pensando o significado das cotas sociais e raciais (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/PENSANDO-O-SIGNIFICADO-DAS-COTAS-SOCIAIS-E-RACIAIS.pdf>> Acesso em 02 de dezembro de 2011.

JAPIASSU, HF. Introdução ao pensamento epistemológico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 102-103.

JONES, R. Why do qualitative research? Londres: BMJ, 1995.

JUNIOR, N. Política de Cotas: Impasses e Limites. Revista Espaço Acadêmico – nº 54 Novembro, 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/054/54rodriguesjr.htm>> Acesso em 04 de novembro de 2011.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. Psicologia em revista, v.10, n.15, p.124-136, Belo Horizonte, 2004.

MAGGIE, Y. “Graduação e Pós-Graduação nas Ciências Humanas no Brasil: desafios e perspectivas”. IFICS – UFRJ. s./d., (Mimeografado).

_____. Racismo e anti-racismo: Preconceito, discriminação e os jovens estudantes nas escolas cariocas. Educ. Soc. v.27 n.96, p. 739-751. Campinas, 2006.

MARTINS, A.R.N. Racismo e Imprensa: argumentação no discurso sobre as cotas para negros nas universidades. In: Ações Afirmativas e o combate ao racismo nas Américas, Col. Educação para todos. Edições MEC/Unesco, Brasília: 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=652&Itemid> Acesso em 01 de novembro de 2011.

MAYS, N.; POPE, C. Qualitative research in health care: Assessing quality in qualitative research. Londres: BMJ, 2000, p. 50-52.

_____. Qualitative Research: Rigour and Qualitative Research. Londres: BMJ, 1995, p.109-112.

MINAYO, M.C. (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 6ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

_____. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. . 2ª edição. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Reuni: Reestruturação e expansão das Universidades Federais – Diretrizes Gerais. Brasília: 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>> Acesso em 02 de dezembro de 2011.

MOREIRA, M.R.; NETO, O.C.; SUCENA, L. F. M.. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. Trabalho apresentado no XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Minas Gerais, 2002.

NERY, S. O grupo focal. (Extraído do Projeto Itajubá – Tecnópolis). 1997. Mimeografado.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In: JACQUES, M. G. P. *et al.* Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEREIRA, M. J. B. *et al* Grupo Focal: experiência da coleta de dados do Projeto CIPESC-Brasil. 1999.

PIOVESAN, F. Ações Afirmativas sob a Perspectiva dos Direitos Humanos. In: Ações Afirmativas e o combate ao racismo nas Américas, Coleção Educação para todos. Edições MEC/Unesco, Brasília: 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=652&Itemid> Acesso em 29 de outubro de 2011.

POPE, C.; MAYS, N. Qualitative research: reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health services research. BMJ, p. 42-5.1995.

_____. Opening the black box: an encounter in the corridors of health services research. BMJ1993, p. 315–318.

REVISTA VEJA, Editora Abril Cultural, 21 de junho de 2006.

ROSO, A. Grupos Focais em Psicologia Social: da teoria à prática. Psico: Porto Alegre, v.28, n.2, 1997, p. 155- 169.

SANTOS, B.S. Introdução: para ampliar o Cânone do Reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: PIOVESAN, F. Direitos Reprodutivos, 2006. Disponível em <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Direitos+reprodutivos>> Acesso em 01 de dezembro de 2011.

SANTOS, H. et al. Políticas públicas para a população negra no Brasil [Relatório ONU]. ONU, 1999.

SENA, R. R.; DUARTE, E. D. Contribuições para a construção do percurso metodológico do Projeto CIPESC. In: Associação Brasileira de Enfermagem: A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva. (Série didática: Enfermagem no SUS). – CIPESC. Brasília: ABEN, 1999.

SERPA, L.F.P. Universidade brasileira centro de excelência ou indigência? Cadernos Expogeo, Nº 003, Salvador, 1992, p. 45-49.

SILVA, J. Direitos civis e relações raciais. Rio de Janeiro, LUAM, 1984

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. Opinião Pública, vol.2, 2001, p. 1-15.

Sites consultados

www.terra.com.br

www.meucinemabrasileiro.com

www.cinepop.com.br

www.filosofia.com.br

APÊNDICE – Questionário para preenchimento dos participantes.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR RESISTENCIA & ARTE (NIRA)

QUESTIONÁRIO – GRUPO FOCAL

Nome:.....(opcional)

Idade:..... Etnia:.....Sexo:.....

Escolaridade:.....

Função:.....

TEMA:.....Data:...../...../.....

1- Observe a imagem e responda:

a) um sentimento:.....

b) uma palavra:.....

c) uma alternativa:.....

2- Observe a cena e responda:

a)um sentimento:.....

b)uma palavra:.....

c)uma alternativa:.....

3- Observe a cena e responda:

a)um sentimento:.....

b)uma palavra:.....

c)uma alternativa:.....

4- Relacione a imagem e as cenas e escreva uma frase:

a) de cunho afirmativo:.....

.....
.....

b) de cunho negativo:.....

.....
.....

Obrigado pela sua participação!